

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

RAFAEL ALVES DE ALMEIDA

**IDEOLOGIA E PRECONCEITO: A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO  
POLÍTICO LGBTFÓBICO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pato Branco

2015

RAFAEL ALVES DE ALMEIDA

**IDEOLOGIA E PRECONCEITO: A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO  
POLÍTICO LGBTFÓBICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Licenciado em Letras Português-Inglês da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná,  
Câmpus Pato Branco.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia Andrea dos  
Santos.

Pato Branco

2015



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



## DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Rafael Alves de ALMEIDA**

Título: **Ideologia e preconceito: a constituição do discurso político LGBTfóbico.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 24 / 11 / 2015  
com NOTA 10 ( dez ) pela comissão julgadora:

**Prof.ª Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca

**Prof.ª Ma. Denize Terezinha Teis – UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

**Prof.ª Dra. Maria Ieda Almeida Muniz – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

**Prof.ª Dr.ª Leticia Lemos Gritti**  
SIAPE nº 1605421  
Coordenadora do Curso de Licenciatura  
em Letras Português-Inglês  
UTFPR - Câmpus Pato Branco

**Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti**  
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

**Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Em memória de todas as pessoas pertencentes às minorias  
sexuais e de gênero que morreram pelas mãos do ódio e da  
ignorância humana.

*- Vocês jamais serão esquecidas!*

Ao ser que mais amo na face da Terra.  
E que uma vez deixou bem claro que, independentemente de  
qualquer coisa, nunca deixaria de me amar.

*- Prometi que te daria muito orgulho, se lembra?*

*Pois esse é só o começo.*

Ao meu herói,  
meu pai.

## AGRADECIMENTOS

O fato de ter chegado até essa fase final da minha licenciatura requer que eu reconheça e agradeça de coração aqueles que ao meu redor estiveram presentes e que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Desse modo, gostaria de iniciar agradecendo a minha fiel “miga” para todas as horas, Patricia Hofmã, com a qual dividi horas de estudos e de companheirismo ao redor do mundo e sem a qual minha vida acadêmica, possivelmente, estaria fadada ao fracasso.

Expresso aqui minha gratidão, também, às pessoas travestis, transexuais e transgêneros por tanto me ensinarem, mesmo quando nem imaginam. Me mostrando todo um universo de possibilidades quando falamos em identidade, gênero e sexualidade, o que possibilitou meu entendimento sobre minha própria identidade, sexualidade e comunidade a qual pertenço. Meio a isso tudo, me ensinaram, também, o verdadeiro valor daquilo que chamamos de empatia. Contudo, soa, para mim, de bom tom demonstrar profunda gratidão, em especial, à duas pessoas que acompanho de forma assídua: Sofia Favero, mais conhecida como “A Travesti Reflexiva” e a destemida Daniela Andrade. Vocês arrasam, sambam e lacram demais!

Em tempo, agradeço profundamente à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Andrea, primeiramente por ter me lecionado as disciplinas de “Análise do Discurso” e “Estudos dos Signos”- que considero como as disciplinas mais importantes que cursei durante toda minha estadia na UTFPR, por me terem retirado da frente dos olhos o véu da ignorância político-ideológica, me apresentando um mundo em que a inquietação, os questionamentos e a problematização são conceitos fundamentais. E, obviamente, por ter aceito meu convite para orientação deste trabalho de prontidão, de modo que sempre me guiou nos momentos de angústia em que me encontrava numa encruzilhada teórica.

E, por último, agradeço ao meu pai por sempre estar ali, para tudo o que eu preciso.

*Porque há o direito ao grito. Então eu grito[!].*

(LISPECTOR, Clarice, 1998)

*Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.*

(SANTOS, Boaventura de Souza, 2004)

## RESUMO

ALMEIDA, R. A. **Ideologia e preconceito: a constituição do discurso político LGBTfóbico**. 2015. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

O presente trabalho se inscreve na área de Análise do Discurso (AD) de modo que se concentra em analisar o discurso de três políticos brasileiros contrários a implementação de políticas públicas voltadas à comunidade LGBT, objetivando, assim, identificar a constituição do discurso LGBTfóbico e as bases ideológicas que o sustentam. Para alcançar o amplo entendimento da temática, foi realizada revisão bibliográfica acerca do complexo e controverso conceito de ideologia materialista histórico-dialético com suas bases no marxismo no qual este estudo se baseia com as devidas ressalvas elaboradas por Thompson (2011). Para auxílio no processo de análise, foram abordadas, também, algumas categorias básicas referentes à AD presentes em Orlandi (2008), tais como as *Condições de produção, Interdiscurso, Esquecimentos, Paráfrase, Polissemia, Relações de força, Relações de Sentidos, Antecipação e Formação Discursiva*. Ainda, foi elaborada uma breve abordagem histórico-crítica sobre as instituições que controlam o discurso hegemônico acerca da sexualidade e dos gêneros não normativos, tais como o discurso religioso e o médico/biologizante buscando pontuar o modo como sustentam relações de poder, condenando e patologizando comportamentos que fogem ao padrão socialmente estabelecidos como normais. E, por fim, desenvolveu-se uma análise crítica da enunciação dos políticos, explicitando as bases e estratégias ideológicas destes posicionamentos contra a população LGBT, como, por exemplo, a constante presença de interdiscursos que nos remetem ao local marginalizado das pessoas LGBT na sociedade (o pecado judaico-cristão, a patologização médica e a normatização das categorias identitárias de gênero e sexualidade), podendo ser percebido, também, os modos de operação da ideologia concebidas por Thompson (2011), tais como a *Legitimação, Unificação, Fragmentação e Reificação*, buscando a sustentação de relações de poder, nas quais este grupo encontra-se em posição de dominado, enquanto o resto da população, religiosa e pertencente a um modelo familiar tradicional defendidas por estes políticos, mantém seus privilégios e desempenha a devida manutenção do sistema político-econômico na reprodução das forças de produção vigentes.

**Palavras-chave:** análise do discurso, LGBTfobia, discurso político.

## ABSTRACT

ALMEIDA, R. A. **Ideology and prejudice: the constitution of LGBTphobic political discourse**. 2015 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

This study takes place as part of the Discourse Analysis subject (DA) as it focuses on analyzing the speeches of three Brazilian politicians who are against the implementation of public policies for the LGBT community, aiming to identify the constitution of LGBTphobic speech and the ideological foundations that sustain it. In order to achieve a broad understanding of the subject, literature review was performed, about the complex and controversial historical and dialectical concept of ideology based on Marxism, which was used by this study with some specific reservations pointed by Thompson (2011). To help on the analysis process, some basic categories related to DA were covered presented by Orlandi (2008), such as: *Conditions of production, Interdiscourse, Forgetfulness, Paraphrase, Polysemy, Power relations, Meaning Relations, Anticipation and Discourse Formation*. Also it was approached a brief historical to the institutions that control the hegemonic discourse about sexuality and non-normative genders, such as religious and medical speeches, pointing up how they sustain relations of power by condemning and pathologizing behaviors that are beyond the socially established pattern. Finally, a critical analysis of three politicians' enunciations was developed to highlight the ideological bases and strategies hidden in these position against the LGBT population. It has been found the recurrent presence of interdiscourses which take us to the marginalized of LGBT people in society (the Christian-Jewish sin, the medical pathologizing and the regulation of the gender and sexual categories). And it also has been identified the Operating Modes of Ideology conceived by Thompson (2011), such as *Legitimacy, Unification Fragmentation and reification*, supporting power relations, in which this group is in a dominated position, while the rest of the population, religious and belonging to a traditional family model advocated by these politicians, keeps its privileges and performs the proper maintenance of the political-economic system in the reproduction of existing productive forces.

**Keywords:** discourse analysis, LGBTphobia, political discourse.



## **LISTA DE SIGLAS**

ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

AD – Análise do Discurso

AE – Aparelhos do Estado

AIE – Aparelhos Ideológicos do Estado

EBLGBT - Encontro Brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

GGB – Grupo Gay da Bahia

LGBT/LGBTs – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

PL / PLC – Projeto de Lei da Câmara

STF – Supremo Tribunal Federal

## **LISTA DE ABREVIações**

Art. - Artigo

B – Bolsonaro

Cis- – Cisgênero

E – Entrevistadora

Hétero - Heterossexual

LF – Levy Fidelix

LR – Luciana Genro

MM – Magno Malta

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b> - Entrevista do deputado Jair Bolsonaro ao programa <i>Palavra Aberta</i> da <i>TV Câmara</i> .....	82
<b>APÊNDICE B</b> - Senador Magno Malta em sessão no Senado sobre o kit <i>Escola Sem Homofobia</i> .....	88
<b>APÊNDICE C</b> - Candidato à presidência da república durante debate realizado na <i>Rede Record</i> .....	93

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A</b> – Modos de Operação da Ideologia .....	96
<b>ANEXO B</b> – Normas para transcrição de entrevistas gravadas .....	97
<b>ANEXO C</b> – Passagens bíblicas .....	99

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 IDEOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
1.1 A ORIGEM DO TERMO .....	15
1.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO.....	16
1.3 IDEOLOGIA E DOMINAÇÃO .....	17
1.3.1 Manutenção da Ideologia: Aparelhos Repressivos de Estado (AE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).....	21
1.3.2 Os modos de operação da ideologia.....	22
<b>2 DISCURSO E IDEOLOGIA</b> .....	<b>27</b>
2.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E INTERDISCURSO .....	29
2.2 ESQUECIMENTOS.....	30
2.3 PARÁFRASE E POLISSEMIA.....	31
2.4 RELAÇÕES DE FORÇA, RELAÇÕES DE SENTIDOS E ANTECIPAÇÃO.....	32
2.5 A FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	33
<b>3 A CONSTITUIÇÃO DA IDEOLOGIA LGBTFÓBICA</b> .....	<b>34</b>
3.1 O DISCURSO LGBTFÓBICO.....	34
3.2 DA ANTIGUIDADE AO PENSAMENTO JUDAICO-CRISTÃO: A RELIGIÃO COMO BASE DO PRECONCEITO .....	36
3.3 LGBT E CIÊNCIA: VONTADE DE SABER OU VONTADE DE PODER? .....	39
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>43</b>
4.1 “POR MUITO MENOS DEUS DESTRUIU SODOMA E GOMORRA”: O DISCURSO RELIGIOSO.....	45
4.2 “EU ESTOU COM A VERDADE”: O DISCURSO NORMATIZADOR, A PATOLOGIZAÇÃO E OUTRAS (IN)VERDADES.....	50
4.3 “PORQUE NÓS SOMOS MAIORIA VAMOS ENFRENTAR ESSA MINORIA”: O DISCURSO DA FRAGMENTAÇÃO SOCIAL .....	57
4.3.1 A maioria e os valores familiares.....	57
4.3.2 O <i>expurgo do outro</i> .....	64
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>77</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>82</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no campo de Estudos Linguísticos na subárea de Análise do Discurso (AD) a partir de uma perspectiva histórica do discurso hegemônico acerca das pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros)<sup>1</sup>.

É evidente o crescimento dos números no que se refere ao quadro de violência contra pessoas LGBTs no Brasil e a ampla exploração do tema pela mídia, como nunca antes foi retratado. Tudo isso tem gerado famigeradas discussões e tem trazido visibilidade para o movimento organizado que declara sua luta pela igualdade de direitos e proteção das pessoas LGBTs. Este trabalho vem, então, ao encontro dessa discussão que se instalou na sociedade brasileira, originariamente, desde o fim da década de 1970 e começo de 1980, com o surgimento dos primeiros grupos organizados.

Para ressaltar as motivações que fundamentam este projeto de pesquisa é importante dizer que quando se fala em minorias sociais (mulheres, negros, indígenas, LGBTs...), de uma forma geral, estamos falando não só em violência física, mas também simbólica. Nessa perspectiva, as pessoas LGBTs foram historicamente apagadas e, muitas vezes, se visíveis, mortas durante a “Santa” Inquisição e nas câmaras de gás dos campos de concentração nazistas, por exemplo. Essa violência motivada por determinados discursos e ideologias amalgamadas em nossa sociedade, legitimados por instituições de poder, continuam a se manifestar e os dados empíricos sobre as consequências de tais discursos são alarmantes. Segundo o Grupo Gay da Bahia - GGB (2013), através de seu relatório anual, revela que foram documentadas 312 mortes de pessoas LGBT no Brasil no ano de 2013, aproximadamente uma pessoa a cada 28h horas, tendo como principal motivação o

---

<sup>1</sup> “No dia 08 de Junho de 2008, durante a I Conferência Nacional GLBT, promovida pelo Governo Federal, envolvendo mais de 10 mil pessoas em conferências estaduais e 1.200 delegados/as nacionais, reunidos em Brasília, decidiu-se pelo uso da terminologia LGBT para identificar a ação conjunta de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, no Brasil. Posteriormente, em dezembro de 2008, no maior evento do movimento LGBT do Brasil, o Encontro Brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - EBLGBT também decidiu-se pelo uso do termo LGBT” (ABGLT, s/d, p. 15). **Entretanto é preciso esclarecer que por questões metodológicas e para uma leitura mais fluída, este termo será usado como termo guarda-chuva para abarcar todas as orientações sexuais não-heterossexuais e identidades de gênero não-cisgêneras, binárias (homem x mulher) e não-binárias (gender queer, não-binários, gênero-fluído, etc.)**

preconceito. O Brasil aparece, então, no topo do ranking mundial de crimes motivados pelo ódio contra pessoas LGBTs, sendo que 40% dessas mortes foram apenas de travestis e transexuais.

A escola, ainda, segundo aponta as pesquisas<sup>2</sup>, é um dos principais espaços de manifestações da LGBTfobia onde, ainda, travestis, transexuais e transgêneros são sistematicamente excluídas. Sendo este um local de onde muitos saem traumatizados pelo constante *bullying*.

Por isso precisa-se reconhecer que a discriminação contra pessoas LGBTs “é estrutural no Brasil, isto é, operam de forma a desumanizar as expressões de sexualidade divergentes da heterossexual, atingindo a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em todos os níveis e podendo ser encontrada nos mais diversos espaços, desde os institucionais até o nível familiar” (BRASIL, 2012, p. 93).

No âmbito do discurso, pode-se dizer, a partir de Foucault (2009), que há uma estruturação sistemática, a partir da qual a sexualidade passa a ser reprimida como forma de dominação do outro. Ou seja, pretende-se que a análise que será feita neste estudo nos remeta a este processo estruturador do discurso que, nos dias de hoje, legitima a violência e a tentativa de impedir que políticas públicas voltadas à comunidade LGBT sejam efetivadas.

Entretanto, mesmo tendo em vista os altos índices desse tipo de violência, há, entre os políticos brasileiros, um discurso contrário às propostas de políticas públicas voltadas à população LGBTs, sendo elas de equivalência de direitos em relação a população heterossexual e cisgênera, ou de enfrentamento ao preconceito e discriminação contra as pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero que fogem ao padrão cis-heteronormativo<sup>3</sup>. As estatísticas do GGB que revelam o

---

<sup>2</sup> Cf. JUNQUEIRA (2009) e REPROLATINA (2011).

<sup>3</sup> Termo incomum na teoria, entretanto, utilizado com frequência por ativistas transfeministas. É composto pelo entrelaçamento complexo de conceitos, entre eles cisgeneridade, que se opõe à transgeneridade/transsexualidade/travestilidade, ou seja, a identificação do indivíduo com o gênero que lhe foi designado ao nascimento devido à sua configuração anatômica, correspondendo a lógica de que genitália/configuração cromossômica e gênero são indissociáveis. A inclusão na palavra normatividade do prefixo “cis-”, proveniente do termo cisgeneridade, e do “hetero-”, proveniente de heterossexualidade, remete-nos a um sistema estabelecido a partir de um processo sócio-histórico que determina arbitrariamente o gênero em relação ao genital, e que pressupõe o gênero e a sexualidade do ser humano antes mesmo que este possa manifestar seus desejos, suas vontades, suas preferências e sua orientação sexual. Tal conceito tem como base a crença da existência natural de dois sexos que se traduziriam, de maneira automática e correspondente, em dois gêneros complementares e em modalidades de desejos igualmente ajustadas a esta lógica binária, como prevê os estudos de Butler (2003).

homicídio de um LGBT a cada 28 horas no Brasil motivado por ódio são apenas simbólicas, levando em consideração que nem sempre tal informação é reconhecida pela instituição responsável por registrar os referidos casos que o crime foi motivado por LGBTfobia, devido, também, à falta de legislação e preparação específica dos profissionais da área para classificar tais crimes.

Diante desses dados, é impossível não pensar no porquê medidas específicas para essas minorias não são tomadas como forma de combater esses quadros de violência.

Tendo essa situação problema como ponto motivador dessa pesquisa, é possível indagar-se: de que forma as representações tradicionais de sexualidade e gênero aparecem no discurso político como tentativa de desqualificar propostas de políticas públicas voltado à comunidade LGBT?

Desse modo, pode-se pensar que as representações tradicionais de sexualidade aparecem no discurso político através do discurso religioso e de defesa dos “bons costumes”, que condenam a “propaganda homossexual”, visto que tal mentalidade é proveniente de um processo sócio-histórico de repressão das sexualidades e de gêneros fora dos padrões estabelecidos socialmente como normais como forma de poder regulador sobre os corpos e a subjetividade dos sujeitos.

Sendo assim, o presente estudo concentra-se em analisar o discurso político que se posiciona contrário a políticas públicas voltados à comunidade LGBT, de forma que seja possível identificar a constituição do discurso LGBTfóbico e as bases ideológicas que o sustentam. Para alcançar um amplo entendimento da temática, será necessário: a) Compreender o que é ideologia; b) Reconhecer a(s) instituição(ões) do discurso hegemônico sobre a sexualidade e gênero; c) Desenvolver uma análise crítica sobre as bases do discurso político contra a população LGBT.

Este projeto insere-se no campo de investigação qualitativa que, de acordo com Cervo e Bervian (1996, p. 49), “[...] busca conhecer as diversas situações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas”. Inspirando-se na fenomenologia, influência de várias outras correntes como o interacionismo simbólico de Chicago, a etnometodologia e a dialética, é importante frisar que “a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas

para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas” (CHIZZOTTI, 2005, p. 80).

O estudo contemplará três fases de desenvolvimento. A primeira será destinada ao aprofundamento teórico acerca do conceito de ideologia norteado por Marx e Engels (2001), Marilena Chauí (2001), Althusser (s/d) e John B. Thompson (2011).

A segunda terá como objetivo oferecer conceitos básicos acerca da AD pautadas nos escritos de Orlandi (2008).

Em um terceiro momento forçar-se-á mais atentamente à uma revisão bibliográfica sobre a constituição do discurso acerca da sexualidade e do gênero na tentativa de expor o local subalterno em que foram colocadas as expressões e identidades no que concerne as sexualidades e os gêneros que não se encaixam na norma social estabelecida como correta e natural.

A quarta parte, então, será reservada à transcrição e análise do discurso dos políticos, objetivando identificar quais discursos e estratégias ideológicas sustentam as posições contrárias às políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT.

Desta forma, este trabalho pretende contribuir amplamente para o debate, no sentido de proporcionar a formação de um olhar crítico direcionado aos discursos que visam desqualificar as reivindicações das minorias sexuais e de gênero no Brasil, a medida que revela as bases ideológicas que sustentem tais discursos.

## 1 IDEOLOGIA

### 1.1 A ORIGEM DO TERMO

Existe um uma problemática controversa por trás do termo ideologia que não se limita ao conceito presente num verbete de dicionário. Há uma historicidade que não pode ser negada e precisa ser revisitada e rediscutida de tempos em tempos, visto que pelo que vimos até hoje, ela possui uma plasticidade conceitual não só em termos diacrônicos, como também sincrônicos.

Seu uso constante tem se proliferado à medida que determinados setores conservadores da sociedade reagem mediante a discursos emancipatórios e progressistas de grupos minoritários e marginalizados.

Dessa forma, é preciso discutir e determinar o conceito de ideologia a ser empregado neste estudo sobre a constituição de discursos.

O termo ideologia nos remonta para o fim do século XVIII, quando utilizado pela primeira vez pelo francês Destutt de Tracy, em 1796, aparecendo posteriormente nos quatro volumes de sua obra mais famosa, *Éléments d'Idéologie*, publicados entre 1803 e 1815, “para descrever seu projeto de uma nova ciência que estaria interessada na análise sistemática de ideias e sensações – na geração, combinação e consequências das mesmas” (THOMPSON, 2011, p. 44). Dessa forma, de Tracy pretendia a criação de uma Ciência das Ideias, sendo esta, então, a “primeira ciência”, visto que toda as outras só eram possíveis a partir de uma combinação de ideias.

Através de uma análise cuidadosa das ideias e das sensações, a ideologia possibilitaria a compreensão da natureza humana e, desse modo, possibilitaria a reestruturação da ordem social e política de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos. A ideologia coloria as ciências morais e políticas num fundamento firme e as preservaria do erro e do “preconceito” – uma fé iluminista que de Tracy herdou de Condillac e de Bacon. (THOMPSON, 2011, p. 45, grifo do autor).

Em 1800, o termo ganha um novo significado com cunho negativo de conspiração ao novo regime que será presente no artigo *Message des relations extérieures* de Napoleão, temendo que as ideias de Tracy e de outros ideólogos fossem uma ameaça às suas ambições autocráticas.



[...] à medida que o termo “ideologia” escorregou para a arena política e foi jogado contra os filósofos por um imperador sob estado de sítio, o sentido e a conotação do termo começou a mudar. Deixou de se referir apenas à ciência das ideias e começou a se referir também às ideias mesmas, isto é, a um corpo de ideias que, supostamente, seria errôneo e estaria divorciado das realidades práticas da vida política. (THOMPSON, 2011, p. 47-48, grifo do autor).

Este primeiro momento de conflito é destacado apenas para ilustrar o quão controverso o termo pode ser. Mas para este estudo, o conceito de ideologia que servirá de base para análise será o materialista histórico-dialético desenvolvido por Marx, quem, segundo Thompson (2011), assumirá o sentido negativo, oposicional e implícito do termo levantado por Napoleão em sua crítica aos ideólogos franceses. Embora conserve determinadas características, percorre um viés pautado na materialidade da dominação de uma classe social.

## 1.2 O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Para que seja possível prosseguir, é preciso compreender o porquê de o método ser histórico-dialético. Primeiramente fala-se num método histórico porque a história humana é de suma importância para qualquer processo de construção humana, de modo que:

A história é história do modo real como os homens reais produzem suas condições reais de existência. É história do modo como se reproduzem a si mesmos (pelo consumo direto ou imediato dos bens naturais e pela procriação), como produzem e reproduzem suas relações com a natureza (pelo trabalho), do modo como produzem e reproduzem suas relações sociais (pela divisão social do trabalho e pela forma da propriedade, que constituem as formas das relações de produção). E também história do modo como os homens interpretam todas essas relações, seja numa interpretação imaginária, como na ideologia, seja numa interpretação real, pelo conhecimento da história que produziu ou produz tais relações. (CHAUI, 2001, p. 54-55).

Com isso, percebe-se que quando se fala em história, falamos em movimento, acontecimentos dentro do espaço-tempo. Contudo, deve-se compreender a complementação da expressão que designa o método. Por dialética Michael Löwi (1985, p. 14) diz que

A hipótese fundamental da dialética é de que não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto. Não existem idéias [sic], princípios, categorias, entidades absolutas, estabelecidas de uma vez por todas. Tudo o que exista na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história.

Fica claro, então, que a historicidade em Marx tem papel central e ela afetará as relações sociais, as instituições, e conseqüentemente as ideias, como pudemos ver com o próprio conceito de ideologia, que, também, se caracteriza por ser um produto social. Sendo assim, para que seja possível explorar a origem de uma ideia, é necessário que ela seja analisada “em sua historicidade, no seu desenvolvimento histórico, na sua transformação histórica” (LÖWI, 1985, p. 15), bem como qualquer visão que precise ser desmistificada por reivindicar uma suposta validade absoluta e universal. Ou seja, para entendermos qualquer fenômeno social, ele precisa estar devidamente contextualizado, como bem aponta Löwi (1985, p. 16)

É impossível entender o desenvolvimento de uma ideologia, de uma teoria, de uma forma de pensamento, seja religiosa, científica, filosófica ou outra, desvinculadamente do processo mesmo do desenvolvimento das classes sociais, da história, da economia política.

Um outro aspecto da dialética que não pode ser ignorado é que as transformações que ocorrem a nível histórico precisam passar pelo processo de contradição interna da realidade para que as transformações sociais se concretizem e possam produzir uma nova condição material de existência humana. Dessa forma, a contradição nesta dialética histórica caracteriza-se, segundo Chauí (2001), pela luta de classes estabelecida entre seres humanos convivendo em determinadas condições históricas e sociais reais que propiciam este conflito, do qual resultará uma transformação social concreta, não apenas no “Espírito” dos indivíduos.

### 1.3 IDEOLOGIA E DOMINAÇÃO

Como já mencionado anteriormente, ideologia não é um termo muito fácil de ser conceituado, e, talvez, como defendido por Löwi (1985), seja o mais complexo e difícil de conceituar das ciências sociais atualmente.

É importante, também, ressaltar que mesmo dentro desse contexto elaborado por Marx o termo continua a revelar uma construção ambígua e altamente mutável,

as quais são evidenciadas por Thompson (2011) no desenvolvimento de sua crítica e reconceitualização, mas que manterá sua base em Marx.

Antes de conceituar ideologia, é preciso compreender o viés filosófico de Marx e de que forma ocorre a formação ideológica.

A produção de idéias [sic], das representações e da consciência está, a **princípio**, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio dos homens [sic]; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens [sic] aparecem aqui ainda como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, na das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de todo um povo. São os homens [sic] que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens [sic] reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens [sic] é o seu processo de vida real. (MARX; ENGELS, 2001, p. 18, grifo nosso).

A partir disso, Thompson (2011) e Chauí (2001) explicam que para Marx os seres humanos vão se distinguir dos outros animais porque este processo de desenvolvimento da consciência e da produção de ideias advém justamente de uma atividade coletiva que propicia a criação de sua própria existência material (os meios de subsistência) e “espiritual”. Esta atividade exclusivamente humana de produção de sua própria consciência depende, também, das condições naturais, tais como meio ambiente, limitações biofisiológicas do organismo humano e o aumento da população, que determinará as formas de produção destas condições. Deve-se dizer, também, que para Marx, mesmo ao que ele se refere como “fantasmagorias” que se apresentam ao cérebro humano são produtos das condições reais da vida material dos seres humanos, logo “a moral, a religião, a metafísica, e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondente, perdem logo toda a aparência de autonomia” (MARX; ENGELS, 2001, p. 19).

Segundo nos aponta Chauí (2001), embora as ideias sejam produzidas de acordo com a atividade material dos seres humanos, isso não quer dizer necessariamente que estes humanos irão refletir em suas ideias a realidade de suas condições materiais tais como são, contudo, acabam por representar a realidade tal como lhes é apresentada a partir de sua experiência imediata, sem reflexão. Essa inversão da realidade na consciência humana, de que as ideias são autônomas e exteriores à vida material dos seres humanos e que, de certa forma, controlam a

prática humana, irá ser desencadeado a partir de alguns pressupostos, sendo o primeiro deles a *divisão social do trabalho*. Marx e Engels (2001, p. 26) explicam sucintamente em etapas:

Assim se desenvolve a divisão social do trabalho que outra coisa não era, primitivamente, senão a divisão do trabalho no ato sexual, e depois se tornou a divisão de trabalho que se faz por si só ou “pela natureza”, em virtude das disposições naturais (vigor corporal, por exemplo), das necessidades, do acaso, etc. A divisão do trabalho só se torna efetivamente divisão do trabalho a partir do momento em que se opera a divisão do trabalho entre trabalho material e o trabalho intelectual.

Esse terceiro momento de divisão do trabalho, entre trabalho material e intelectual, é quando a consciência humana pode se separar da esfera da realidade, passando a ser vista como uma coisa em si mesma e determinante da realidade. Este fenômeno só se tornou possível

[...] à medida que uma forma determinada da divisão social do trabalho se estabiliza, se fixa e de repente, cada indivíduo passa a ter uma atividade determinada e exclusiva que lhe é atribuída pelo conjunto das relações sociais, pelo estágio das forças produtivas e, evidentemente, pela forma de propriedade. Cada um não pode escapar da atividade que lhe é socialmente imposta. A partir desse momento, todo o conjunto das relações sociais aparece nas idéias [sic] como se fossem coisas em si, existentes por si mesmas e não como consequência [sic] das ações humanas. Pelo contrário, as ações humanas são representadas como decorrentes da sociedade, que é vista como existindo em si mesma e dominando os homens. (CHAUÍ, 2001, p. 72).

Essa forma inicial da consciência, a qual se caracteriza pela percepção de que as condições reais de existência social dos homens não são produzidas pela atividade humana, mas por forças alheias a ela, pode ser chamada de alienação e que, Segundo Chauí (2001), é só a partir dela que a produção e internalização de ideologias será possível, de modo que as ideias passam a ser concebidas, equivocadamente, como anteriores, exteriores e superiores a *práxis*.

Nesse momento de cisão entre trabalho espiritual e material é que são criadas condições a partir das quais a consciência dedicar-se-á à produção de teorias, da teologia, da filosofia, da moral, entre outros conhecimentos que se autoentitulem “puros”, ou seja, independentes da realidade material em que são produzidos. E, segundo Thompson (2001, p. 52-53), foi essa divisão que impediu “que essas pessoas vissem que elas estavam trabalhando sob a ilusão da autonomia”.

Assim surge a ideologia, de acordo com Chauí (2001, p. 73), como um “[...] sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais”. E então estas ideias produzidas, alheias à realidade, conseqüentemente, acabam por produzir - e são produtos, elas próprias - uma contradição que existe no próprio mundo social. “Porém, como as contradições reais permanecem ocultas (são as contradições entre as relações de produção ou as forças produtivas e as relações sociais), parece que a contradição real é aquela entre as idéias [sic] e o mundo” (*IDEM*). Ou seja, quando o pensamento de uma classe dominante ganha universalidade, de modo a compor um direito, ou uma ideia que é anterior a materialidade histórica, esta ideia representa uma contradição, pois nem todos têm condições materiais de usufruir deste direito ou desta ideia, visto que estão eles divididos em diferentes classes e que exercem diferentes trabalhos, o material e o intelectual, como dito anteriormente. Para Marx e Engels (2001, p. 48, grifo nosso):

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também a classe dominante. **Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão das relações materiais dominantes consideradas sob a forma de idéias [sic], portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras são idéias [sic] de sua dominação.**

Portanto, essa concepção de ideologia remete-nos sempre às formas de dominação, de modo que a classe dominante possa assegurar sua posição privilegiada na sociedade como proprietária dos meios de produção. Em outras palavras, para que haja reprodução deste modelo social separado em classes, precisa-se manter pessoas dominadas dispostas a oferecer sua força de trabalho ao dominador. Desse modo, como salienta Althusser (s/d, p. 11), “[...] para existir, toda a formação social deve, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, reproduzir as condições da sua produção. Deve, pois, reproduzir: 1) as forças produtivas, 2) as relações de produção existentes”.

### 1.3.1 Manutenção da Ideologia: Aparelhos Repressivos de Estado (AE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)

Ainda para Althusser (s/d), essa reprodução da qualificação das forças produtivas (pois não basta reproduzir a força de trabalho, mas precisa-se de uma força de trabalho *qualificada e diversificada*) e das relações de produção existentes acontecerá não somente durante a própria produção - com o salário para que o trabalhador possa manter suas condições materiais de subsistência e procriar, para fornecer mais mão de obra para o sistema – mas também fora, através do sistema escolar capitalista e outras instâncias e instituições.

[...] ao mesmo tempo que ensina estas técnicas e estes conhecimentos [relativos ao seu papel exercido na sociedade], a Escola ensina também as “regras” dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exactamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Ensina também a “falar bem”, a “redigir bem”, o que significa exactamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a “mandar bem”, isto é, (solução ideal) a “falar bem” aos operários, etc. (ALTHUSSER, s/d, p. 21, grifos do autor).

Visto isso, fica claro que não é necessário apenas uma reprodução da força de trabalho ou uma qualificação dela, como também uma reprodução da *submissão às formas simbólicas dominantes* e que caracterizarão a ideologia desta classe.

Dessa forma, surge o Estado como aparelho repressivo que “permite à classe dominante assegurar sua dominação” (ALTHUSSER, s/d, p. 31), em outras palavras, é através do Estado que os interesses da classe dominante serão impostos, perpassados e representados como interesse de toda sociedade. Segundo Althusser (s/d), o Estado será, então, aquilo que os marxistas clássicos chamam de Aparelho de Estado (AE) que são divididos em Aparelhos Repressivos de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). O Repressivo explica-se pelo fato de seu funcionamento se dar através da violência “[...] - pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas)” (ALTHUSSER, s/d, p. 43). Sendo assim, as instituições que compõe o Aparelho Repressivo de Estado são: o Governo, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc.

Para este estudo, sobretudo, interessa-nos trabalhar com os Aparelhos Ideológicos de Estado, que segundo Althusser (s/d, p. 43) designam-se por “um certo

número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Estas instituições são: 1) As Igrejas; 2) Sistemas de escolas públicas e particulares; 3) As famílias; 3) O sistema jurídico; 4) O sistema político partidário; 5) O sistema sindical; 6) Instituições de informação e comunicação e 7) As instituições culturais. Instituições estas que ao contrário dos Aparelhos Repressivos, como evidencia o autor, em sua maioria, pertencem ao domínio privado e, ao invés de ter seu foco no uso da violência, caracteriza-se, principalmente, pelo seu funcionamento através da ideologia, por meio da qual é regida o Estado, ou seja, a ideologia da classe dominante.

Essas instituições, por sua vez, têm como objetivo: a reprodução das relações de produção baseadas na dominação de uma classe através das formas simbólicas dominantes.

### 1.3.2 Os modos de operação da ideologia

Embora a concepção de ideologia de Marx seja completamente centrada na luta de classes e na reprodução das relações de produção, o presente estudo pretende, porém, dar foco nas relações de dominação através da constituição das formas simbólicas<sup>4</sup> para que essas reproduções aconteçam. Para tanto, Thompson (2011) tem uma visão que, a partir deste ponto, merece nossa atenção, de modo que seu interesse está “nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder” (THOMPSON, 2011, p. 76). Ou seja, para o autor, “*estudar ideologia é estudar maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação*” (IDEM, *grifo do autor*). Dessa forma, é importante salientar que, segundo esta concepção, as formas simbólicas não são ideológicas *per se*, mas apenas o são quando se propõem a, explicita ou implicitamente, sustentar relações de poder.

---

<sup>4</sup> “Amplio espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. Mas formas simbólicas podem também ser não linguísticas ou quase linguísticas em sua natureza (por exemplo, uma imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras)” (THOMPSON, 2011, p. 79).

Se fenômenos simbólicos servem, ou não, para estabelecer e sustentar relações de dominação, é uma questão que pode ser respondida somente quando se examina a interação de sentido e poder em circunstâncias particulares – somente ao examinar as maneiras como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados. (THOMPSON, 2011, p. 76).

Segundo Thompson (2011), para que formas simbólicas sejam ideológicas, elas não, necessariamente, precisam ser uma completa ilusão ou uma visão errônea da sociedade, como afirmara Marx e Engels. Elas podem sim apresentar essa característica, mas o que importa extrair desta afirmação é a forma como os fenômenos ideológicos estão a serviço de estruturar e manter relações de dominação, seja de uma classe sobre outra, ou de um indivíduo que internaliza e desempenha o papel que lhe foi imposto de reproduzir a ideologia desta determinada classe, a fim de manter-se o *status quo*. O teórico ainda destaca que

[...] as relações de classe são apenas uma forma de dominação e subordinação, constituem apenas um eixo da desigualdade e exploração; as relações de classe não são, de modo algum, a única forma de dominação e subordinação. [...]. Embora Marx estivesse correto em enfatizar a importância das relações de classe como uma base da desigualdade e exploração, ele pareceu negligenciar, ou menosprezar, a importância das relações entre os sexos, entre os grupos étnicos, entre os indivíduos e o estado, entre estado-nação e blocos de estados-nação. (THOMPSON, 2011, p. 78).

Deve-se, por assim dizer, separar o conceito de ideologia e o de dominação de classe para que seja possível conter nessa conceptualização outras relações sociais, que não somente a de classe motivada por fatores puramente econômicos. Para o teórico, esta concepção pode menosprezar as formas simbólicas e o sentido enquanto “constitutivos da realidade social e estão ativamente envolvidos tanto em criar como em manter relações entre pessoas e grupos” (THOMPSON, 2011, p. 79).

Embora haja um desejo de dominação por parte da classe dominante que perpassa seus valores e sua lógica para as massas através dos AIE. Esta aplicação da ideologia gerará reações diversas meio a prática das relações sociais, pois as formas simbólicas poderão variar no tempo e no espaço de acordo com as condições materiais e espirituais estruturadas em determinada sociedade ou ambiente social. Em outras palavras, a luta de classes, embora faça parte desta estruturação, ela não acontece sozinha na sociedade, as relações de dominação atravessam esse conceito para revelar a composição social da consciência humana, mobilizada pelas formas simbólicas para estabelecer e sustentar relações de dominação.



Para tanto, há alguns modos de operação da ideologia ligados às formações simbólicas. Thompson (2011), então, nos apresenta alguns modos de operação com suas respectivas estratégias de construção simbólica<sup>5</sup>. Eles são: *Legitimação*; *Dissimulação*; *Unificação*; *Fragmentação* e *Reificação*.

A *Legitimação* caracteriza-se pela representação de determinadas relações de dominação serem representadas como legítimas, ou seja, de que essas relações são justas e dignas de apoio. Baseado em Max Weber, Thompson (*IDEM*) distingue três tipos de estratégias de legitimação, sendo elas: a) a *racionalização*: na qual o produtor elabora uma linha de raciocínio baseada num conjunto de relações sociais e instituições para defender e justificar seu ponto de vista, com o intuito de manipular seu público para conseguir apoio; b) a *universalização*: criação de acordos institucionais, que traduzem apenas o interesse de um grupo restrito, mas que são apresentados como de interesse coletivo; c) a *narrativização*: forma de falar sobre o presente como parte constitutiva de uma tradição imutável proveniente do passado.

O segundo modo de operação da ideologia pode ser definido como a *Dissimulação*, que pode ser entendida como formas de ocultar ou desviar nossa atenção das relações de dominação. As estratégias utilizadas por esse *modus operandi* são: a) o *deslocamento*: estratégia utilizada quando se quer transferir a carga positiva ou negativa de determinado objeto ou pessoa a um outro objeto ou pessoa; b) a *eufemização*: quando, através de uma descrição ou redescricao de ações, instituições ou relações sociais, se tenta atribuir um valor positivo; c) o *tropo*: uma utilização da forma figurativa da linguagem, e pode estar ou não atrelado a um certo conhecimento de literatura. Seu uso pode se dar através da sinédoque – ou uso de um termo que se refere a um todo, tentando assim falar sobre uma parcela deste todo, ou vice-versa -, também a metonímia exerce seu forte papel nesta estratégia – quando, de forma sutil, é utilizado um termo na tentativa de estabelecer relações entre uma possível característica de uma coisa pela própria coisa em si, sem que fique muito clara essa relação, que pode ter um valor positivo ou negativo. Outra figura retórica pela qual o *tropo* pode se manifestar é a metáfora, que trazendo a junção de termos pertencentes a campos semânticos diferentes objetiva atribuir novos sentidos – negativos ou positivos – a indivíduos, relações sociais ou grupos contidos no discurso do enunciador.

---

<sup>5</sup> Cf. “ANEXO A – MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA”. Tabela esquematizada com as categorias dos modos de operação da ideologia.

Outro modo de operação que nos é trazido por Thompson (2011), recai sobre estratégias de *Unificação*, que se caracteriza, basicamente, por uma generalização de determinado grupo, sem que considere as distinções e especificações de grupos minoritários dentro deste próprio grupo, ou dos indivíduos constitutivos dele. As estratégias que possibilitam sua concretização são: a) a *padronização*: a construção e aplicação de formas simbólicas como padrão a todo um grupo; b) a *simbolização da unidade*: uma continuidade da estratégia anterior e intimamente ligada a *narrativização*, e ela se caracteriza pela criação de símbolos deste grupo criado com a padronização, a fim de se criar uma identidade ou uma identificação coletiva.

A respeito do quarto modo pelo qual a ideologia opera, segundo Thompson (2011), pode-se falar numa *Fragmentação* que pode ser identificada como uma segmentação de indivíduos e grupos para que a relação de dominação de responsabilidade dos grupos dominantes possa se efetivar. Deste modo, cria-se um alvo específico para ataque. Em termos de estratégia a) a *diferenciação* se destaca pela focalização em características que distinguem grupos e indivíduos, de modo que se intenciona enfraquecer um possível desafio no exercício do poder. Há uma outra estratégia que o teórico chama de b) o *expurgo do outro*: que, de forma sucinta, se caracteriza pela criação de um inimigo em comum de um grupo dominante. Sendo assim precisa-se expurgá-lo. E, ainda, de acordo com Thomson (2011), um dos objetivos dessa estratégia é promover a unificação e, conseqüentemente, um fortalecimento desse grupo dominante.

Nos é trazido pelo autor o quinto *modus operandi* da ideologia como a *Reificação*, que se define enquanto uma forma de conceber a realidade, por conseguinte as relações de dominação, como natural, atemporal e permanente, desconsiderando parcial ou integralmente o caráter sócio-histórico da realidade e das relações nela estabelecidas. As estratégias por trás da *Reificação* podem ser: a) a *naturalização*: o tratamento de questões sociais e históricas como acontecimentos naturais e inevitáveis; também pode ocorrer através da b) *eternalização*: ou a cristalização de fenômenos resultantes de ações humanas através da história, ou seja, a apresentação destes fenômenos como permanentes e imutáveis. Ainda nesta lista de ideologia como *Reificação* a c) *nominalização*: quando há a transformação sintática em nomes de sentenças que descrevem ações e seus participantes; e, por fim, a d) *passivização*: quando se opta pela utilização de verbos na voz passiva. Estas duas últimas estratégias discursivas determinam a atenção que se dá a determinados

temas em detrimento de outros, ocultando agentes e colocando situações como desenvolvimentos naturais.

É possível perceber que cada um desses *modus operandi* atravessam muitos discursos não só institucionalizados proferidos pelos AE e AIE, mas, também, é evidente nos discursos cotidianos, o que pode nos indicar o poder exercido pelas classes e grupos dominantes sobre as massas através da internalização de valores que não representam seus interesses individuais e de coletivos pertencentes a grupos e classes dominados e oprimidos. Portanto, para que se possa identificar a ideologia e a relação de dominação que ela está estabelecendo, é preciso que se faça uma investigação crítica das práticas imediatas dos seres humanos e das formas simbólicas contidas em seus discursos, sendo, então, um dos objetivos da Análise do Discurso recuperar o oculto e os silêncios que reverberam significados através de nossas enunciações cotidianas e em contextos específicos.

## 2 DISCURSO E IDEOLOGIA

Até este momento, Thompson (2011) nos trouxe uma rica contribuição ao complementar o(s) sentido(s) de ideologia reconhecidos em Marx, além de uma série de modos pela qual a própria ideologia é operacionalizada através das formas simbólicas. Althusser, por sua vez, desenvolveu as ideias de Aparelhos Ideológicos de Estado, que se ocupam de fazer a manutenção da ideologia no meio social. Contudo, para o presente estudo, é necessário, ainda, compreender a dinâmica da ideologia dentro do próprio processo da linguagem.

Para a área de Análise do Discurso (AD), segundo Orlandi (2008, p. 15), a linguagem é vista “[...] como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. E está mediação, de acordo com a autora, é o discurso que “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (*IDEM*). Isto é, a língua para a AD não é vista como algo abstrato, um sistema anterior à atividade humana, mas sim como produto dela, devidamente contextualizada, com suas maneiras de oferecer sentido, com sujeitos falantes produzindo sentidos intimamente relacionados à suas vidas, ou enquanto membros de uma determinada configuração social.

Dessa forma, Orlandi (2008) critica formas individualizadas de análise, como acontece na Linguística, que muitas vezes preza por um estudo da língua isolada de seu contexto. Sendo assim, a Análise do Discurso reflete “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (Orlandi, 2008, p. 16).

Com esta ideia pretende-se que pensemos a ideologia indissociada do discurso, pois é exatamente o meio através do qual ela transita em sociedade e é perpetuada em nossa *práxis*. Ou como diz Orlandi (2008, p. 17):

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. [...]. Conseqüentemente [sic], o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.

Para Orlandi (2008, p. 15), “o discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem”. E neste estudo, segundo a autora, observa-se o ser humano falando.

A partir dessa perspectiva discursiva, podemos pensar que a língua é um sistema estruturado, mas não autônomo, pois ela é um acontecimento dos seres humanos em ação no mundo, ou seja, um sujeito que constrói e é construído pela história. Dessa forma, fica evidente que o simbólico afeta a realidade, visto que é através da língua que os seres humanos se organizam em sociedade. Por isso, este “sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2008, p. 20).

Portanto, quando pensamos em discurso deve-se pensar que ele é produto de uma formação sócio-histórica e que não nos serve apenas para a transmissão de mensagens, mas também para a constituição de sujeitos e construção de sentidos.

É preciso pensar, também, na mobilidade espaço-temporal do discurso, de modo que

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "jamais-dito", um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Isso quer dizer que toda e qualquer enunciação<sup>6</sup> está reproduzindo integral ou parcialmente discursos que já existiam anteriormente e independentemente dela, ainda que não esteja explícita sua origem.

O discurso defendido por Foucault (2008, p. 132), então, seria

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

---

<sup>6</sup> “O termo enunciação refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (aquele que fala ou escreve), tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve). O produto da enunciação é chamado enunciado. No campo dos estudos da linguagem, assim como tantas outras noções, a de enunciação apresenta variações na forma como é definida, conforme a abordagem teórica em que seja tomada.” (ASSIS, s/d).

Ainda, segundo o Foucault (1999, p. 9), em “A ordem do discurso”, nos alerta dizendo que a produção do discurso não é livre. Ela é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Assim, o autor também diz que “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1999, p. 44). Palavras essas que nos redireciona justamente para a divisão social do trabalho, entre trabalho intelectual e trabalho material. De modo que a classe e os grupos dominantes, através da elaboração discursiva e disseminação através dos AIE, conseguem, de certa forma, controlar a realidade através de discursos que apenas os beneficiam, em detrimento dos grupos e classes dominadas. Ou seja, é no campo do discurso que, também, as relações de poder vão se sustentar e ser legitimadas na sociedade.

Dessa forma, é através da AD que será possível identificar e analisar as relações de poder estabelecidas através das práticas discursivas. Para tanto, faz-se necessário que tenhamos em vista algumas categorias desta área.

## 2.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E INTERDISCURSO

Segundo Orlandi (2008), pode-se considerar as condições de produção em dois níveis, o estrito e o amplo<sup>7</sup>. No estrito considera-se as circunstâncias próprias da enunciação, ou aquilo que se chama de contexto imediato. Ao utilizar o contexto amplo, fala-se num contexto sócio-histórico e ideológico.

Uma outra categoria importante à AD é a memória, que dentro da concepção de discurso é reconhecida como interdiscurso ou memória discursiva, isto é, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2008, p. 31). É o já-dito e que afeta, em determinada circunstância, a forma como o sujeito vai construir significado. Sendo assim: “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (*IBIDEM*, p. 31).

---

<sup>7</sup> Estrito – enunciação / amplo - enunciado

Para a autora, o já-dito é aquilo que possibilita as “novas” formações discursivas, e é através dele que podemos compreender o relacionamento entre discurso, sujeitos e a ideologia. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação).” (ORLANDI, 2008, p. 33). O interdiscurso, então, é conceituado por Orlandi como um conjunto de formulações que já foram realizadas por alguém num dado momento do passado e que determinam aquilo que falamos no presente, de modo que submergimos numa rede de sentidos no ato de fala, sem que tenhamos aprendido formalmente como fazê-lo, o que, por sua vez, fica por conta da ideologia e do inconsciente.

## 2.2 ESQUECIMENTOS

Há dois tipos de esquecimentos, que segundo M. Pêcheux (1975, *apud* ORLANDI, 2008). O primeiro esquecimento é aquele de ordem ideológica e que age através do inconsciente. “Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2008, p. 35). Portando, apesar deles estarem sendo expressados no momento em que se diz e por nós, os sentidos refletem a forma “[...] como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade” (*IDEM*).

No segundo esquecimento, como assinala Orlandi (2008) há indicações de que o que foi dito, poderia ser dito de outra forma. Este esquecimento, que também pode ser chamado de ilusão referencial, caracteriza-se por nos fazer “acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, [...]. Ela estabelece uma relação ‘natural’ entre palavra e coisa” (ORLANDI, 2008, p. 35). É uma categoria semi-consciente de esquecimento e que é facilmente desestabilizada sempre que se precisa reformular o que foi dito. Um esquecimento enunciativo e, como diz Orlandi, legitima a influência da sintaxe, também, responsável por emanar sentido.

## 2.3 PARÁFRASE E POLISSEMIA

Ambos os conceitos, paráfrase e polissemia, estão assentados numa tensão, entre o mesmo e o diferente, através da qual a linguagem funciona.

Orlandi (2008, p. 36) declara:

Os processos parafrásicos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

É dessa forma que o sujeito falante se movimenta e movimenta os próprios sentidos, de modo que ao falar, se fala com palavras e significados já existentes. Mas é no próprio ato de fala, no momento de se fazer as escolhas sintáticas e semânticas, em relação com o próprio meio, há “uma mexida na rede de filiação dos sentidos” (ORLANDI, 2008, p. 36). Isto é, o uso real da língua está sujeito a falhas e rupturas, e é através desses meios que há movimentos de significação. A linguagem, dessa forma, se mostra sempre incompleta em seus possíveis sentidos e uso, e assim ela está em constante produção e constantemente produz outros sujeitos.

Ainda segundo Orlandi (2008), a paráfrase pode ser vista como um fator de produtividade e a polissemia de criatividade. A paráfrase possibilita ao sujeito retornar sempre ao campo do dizível; já a criatividade, através da polissemia, age de modo que rompe com o processo de produção clássico da linguagem, inserindo o diferente, que por sua vez, possibilita uma movimentação nos sentidos e nos sujeitos em relação com a história e com a língua.

Assim, a paráfrase se consagra como performance que torna possível o sentido, pois sem repetição daquilo que é conhecido, o sentido se torna impossível. Já a polissemia “é a própria condição da existência dos discursos pois os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer” (*IBIDEM*, p. 38).

A autora também destaca que é nesta dinâmica da linguagem entre paráfrase e polissemia que há um confronto entre o simbólico e o político, de modo que a ideologia está sempre materializada no discurso.



## 2.4 RELAÇÕES DE FORÇA, RELAÇÕES DE SENTIDOS E ANTECIPAÇÃO

Não é possível falar em discurso sem falar em relações de sentidos. “Segundo esta noção, não há discurso que não se relacione com outros” (*IBIDEM*, p. 39). Isto é, um discurso está sempre em relação com outros, fazendo parte de um processo contínuo, sobre o qual não se há como pensar numa origem concreta, nem no seu fim. Sendo assim ele está sempre em relação com outros discursos que já foram realizados, ou ainda não.

Sobre a antecipação, Orlandi (2008) afirma que no processo de enunciação é possível dizer que é uma estratégia utilizada pelo enunciador, que se coloca no lugar do outro, de seu interlocutor, na tentativa de prever, ou melhor, adiantar possíveis reações. Dessa forma é proporcionado um referente para se modelar o discurso de modo a atingir determinado objetivo ou reação dos interlocutores.

Quanto a relação de forças diz respeito, especificamente, a importância constitutiva do discurso a partir do local de fala do sujeito que enuncia. Em outras palavras, nossa posição ou papel social determinará a forma como dizemos e o valor do que aquilo que dizemos terá na sociedade. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2008, p. 40, grifo da autora). A partir disso, é preciso evidenciar que esse local de fala do sujeito é uma projeção imaginária criada pela sociedade de acordo com suas formações simbólicas, não representam, necessariamente, um local físico; entretanto, como bem pontua a autora, são elas que tornam possível transferir a posição que o sujeito ocupa na sociedade, para uma posição, de prestígio ou não, no campo discursivo.

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito) (ORLANDI, 2008, p. 40).

Essas relações de força são um jogo de imagens – diz Orlandi (2008, p. 40) – no qual temos:

[...] a imagem da posição do sujeito locutor [...] mas também da posição [do] sujeito [...], e também a do objeto do discurso [...]. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o

interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante.

O imaginário, por sua vez, não pode ser entendido aqui apenas como uma ideia independente da realidade. Pelo contrário, ele é o reflexo das ações e modos de organização dos próprios seres humanos inscritos na história. E talvez seja esta a categoria mais significativa para o presente estudo, visto que as relações de força entre as projeções de imagens dos sujeitos no plano discursivo é uma das principais - senão a base - na sustentação das relações de dominação que são continuamente legitimadas e efetivadas na sociedade através do discurso.

## 2.5 A FORMAÇÃO DISCURSIVA

Deve-se conceber o processo de formação discursiva a partir de sua formação sócio-histórica. Isso quer dizer que o sentido encontrado através da AD não existe em si mesmo. Palavras não carregam sentidos senão determinados pelas posições ideológicas dos contextos em que se inscrevem. E é justamente desse processo de formação ideológica pelo qual os discursos passam que se extrai o sentido e que, segundo Orlandi (2008), contribui para o analista identificar regularidades que podem acontecer no funcionamento do discurso. A autora continua conceituando a formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2008, p. 43).

### 3 A CONSTITUIÇÃO DA IDEOLOGIA LGBTFÓBICA

#### 3.1 O DISCURSO LGBTFÓBICO

Quando se fala em discurso LGBTfóbico, estamos falando de um processo histórico de práticas e formação de enunciados de valores negativos relativamente à população LGBT – ou mais além, à população de todos aqueles que não se enquadram na cis-heteronorma, já que a sigla LGBT não engloba todas as identidades sexuais e de gênero existentes. Mas que enunciados são esses?

Segundo Bourdieu (2012, p. 143) as pessoas LGBTs<sup>8</sup> são marcadas por uma forma particular de dominação simbólica, sobre os quais é presente um estigma que se impõe “através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas”, o que resultará numa certa invisibilização pública, a qual se traduz numa “recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade”. Essa dominação simbólica, como já foi sugerida, também, por Foucault, tem suas bases nos discursos hegemônicos<sup>9</sup> da religião e médico-científico, legitimando “instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais [e de gênero], sob a acusação de crime, pecado ou doença” (PRADO; MACHADO, 2012, p. 12). Sendo assim, as identidades sexuais e de gênero compreendidas como fora da norma de referência cisgênera e heterossexual são colocadas em posições sociais subalternas e inferiores. Dessa forma, “[...] a repressão contra [LGBTs] é considerada proteção natural aos valores sagrados da família e, agora, da saúde e da vida de todo

---

<sup>8</sup> Esta passagem se encontra no artigo como Anexo do livro que tem por título “Algumas Questões Sobre o Movimento Gay e Lésbico”. Dessa forma, compreendo que Bourdieu se refere ao que hoje se conhece por Movimento LGBT. Sendo assim, me apropriado de suas ideias neste artigo para atribuí-las tanto às identidades sexuais, quanto de gênero.

<sup>9</sup> “[...] aquele discurso capaz de criar formas e práticas de consentimento, de modo a transformar uma experiência particular (neste caso, a experiência heterossexual [e cisgênera] burguesa) em pretensamente universal, inferiorizando ou invisibilizando quaisquer outras possibilidades da experiência social” (PRADO; MACHADO, 2012, p. 13)

o gênero humano ameaçado pela Aids, trazida pelos degenerados [...]” (CHAUÍ, 2012, p. 4).

Mostra-se necessário abrir um parêntese aqui para dizer que tanto as identidades sexuais e quanto as de gênero que conhecemos hoje “são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabas num determinado momento [...]. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27). Essa construção de categorias identitárias sexuais e de gênero é extremamente complexa e depende da relação entre fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, étnicos, religiosos, políticos e geográficos, como bem nos aponta Machado e Prado (2012). Isto é, ainda que seja uma categoria individual, as identidades de gênero e sexual são influenciadas pelo contexto histórico em que se inscrevem, não dependendo exclusivamente do universo simbólico, embora tenha um grande peso, mas também recebe uma carga significativa da estrutura social e dos meios de produção da sociedade.

Assim as construções que temos tanto sobre gênero e sexualidade estão pautadas com base na ideia de que a heterossexualidade e a cisgeneridade são expressões naturais, e por isso normais da nossa identidade de gênero e sexualidade, e tudo aquilo que não segue essa lógica é considerado desviante, anormal, doença, pecado, nojento, estranho, perversão, etc. Isto é, as bases que sustentam o discurso preconceituoso são as práticas cotidianas “que, informadas pelas lógicas de poder exclusivo e pela noção de direitos substancial, sustentam a naturalização do significado da diferenciação grupal” (MACHADO; PRADO, 2012, p. 26). Uma estratégia política clara de exclusão e controle social.

É imprescindível dizer, também, que o viés catalizador dessa rede de significações é o sexismo, que a todo custo tenta legitimar a construção identitária masculina - ou o que entendemos como homem – como superior à construção identitária feminina ou a qualquer uma que fuja ou misture esse binário de gênero.

A origem da justificativa social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher encontra-se na naturalização da diferença entre os dois sexos: a ordem (chamada “natural”) dos sexos determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar do masculino pelo viés de sua subordinação psicológica e cultural. [...]. A dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível, precisamente porque ela é apresentada pelo dominador e aceita pelo dominado como natural, inevitável e necessária. (BORRILLO, 2010, p. 30, grifo do autor).

Deste modo, o movimento LGBT “necessita desconstruir uma rede de significações, definidas por um padrão dominante de sujeitos que historicamente estiveram a ela associadas” (MACHADO; PRADO, 2012, p. 26).

### 3.2 DA ANTIGUIDADE AO PENSAMENTO JUDAICO-CRISTÃO: A RELIGIÃO COMO BASE DO PRECONCEITO

Conceituar LGBTfobia de uma forma precisa e estável é um desafio, - diria até mesmo impossível - de modo que não estamos falando sobre um fenômeno social unilateral e homogêneo. Sua manifestação nas diferentes sociedades e culturas têm suas particularidades. Principalmente por se tratar de categorias que são vistas como identidades pertencentes à modernidade. Entretanto, quando se fala a partir de um recorte de formação do imaginário ocidental, podemos pensar que há uma historicidade comum entre a intolerância contra as diferentes identidades de gênero ou sexual.

A divisão social do trabalho, ainda em tempos remotos, nos apresenta indícios da formação sexista de nossa organização social e que, conseqüentemente, se desenvolverá no que hoje podemos nomear de cis-heterossexismo. Contudo, interessa-nos, também, dizer que no mundo greco-romano, embora a construção da “inferioridade” feminina esteja bastante consolidada na sociedade, e seu papel esteja restrito ao universo privado como propriedade do homem, “a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo era considerada um elemento constitutivo, até mesmo indispensável, da vida do indivíduo (sobretudo masculino)” (BORRILLO, 2010, p. 42).

Na Antiga Grécia, como nos aponta Borrillo (2010), havia relações entre homens – ou melhor, de um adolescente (*eromenos*) e um adulto (*erastes*) – a partir de um caráter iniciático à vida sexual. Mesmo com uma função específica, tais ritos envolviam desejo e prazer e tinham sua legitimidade perante a sociedade grega. É daí que surge o termo “pederastia”, que segundo Borrillo (2010), nasce dessa relação, sendo sua etimologia formada a partir da união de *país*, *paidós* (menino) e *éros*, *érotos*

(amor, paixão, desejo ardente) – “implicava a afeição espiritual e sensual de um homem adulto por um menino” (*IBIDEM*, p. 45).

O autor ainda nos elucida que entre adultos as práticas homoeróticas aconteciam, também, no âmbito militar. Em campo de batalha, os amantes eram colocados para lutar lado a lado, de modo que isso poderia funcionar como uma espécie de motivação para que os soldados lutassem como heróis. Entretanto, a partir de uma regulação pelo legislador Sólon em 600 a.C., fica vedada as relações sexuais entre escravos e meninos livres.

Já na época da Roma Clássica a homossexualidade ainda se mostrava tolerada, mas, também, a partir de um conjunto de normas entre as quais o homem não poderia deixar de se casar para que pudesse se tornar num *pater familias*, gerando uma linhagem e preocupando-se com as questões econômicas. Assim, apenas a bissexualidade ativa poderia ser legítima em Roma, de modo que assumir um papel receptivo durante a relação sexual anal destituiria o homem de seu papel de gênero que deve desempenhar sua virilidade e assim ter acesso ao poder (Borrillo, 2010).

O sistema de dominação masculina do tipo patriarcal consolida-se com a tradição judaico-cristã; no entanto, esta introduziu uma nova dicotomia, “heterossexual/homossexual”, que, desde então, serve de estrutura, do ponto de vista psicológico e social, à relação com o sexo e com a sexualidade. [...]. O cristianismo, herdeiro da tradição judaica, transformará a heterossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal. (BORRILLO, 2010, p. 47, grifo do autor).

Dessa forma, o Império Romano, pautado em passagens bíblicas<sup>10</sup> para embasar suas leis de condenação de práticas não-heterossexuais e que, curiosamente, tende a recair principalmente contra comportamentos receptivos<sup>11</sup> durante o sexo, que, segundo Borrillo (2010), era um comportamento associado à feminilidade, podendo significar uma ameaça a continuidade do Império Romano.

---

<sup>10</sup> Passagens bíblicas em que as práticas homossexuais são citadas: Levítico. 18, 22; 20, 13; Gênesis 19, 4-11, 24-25; Juízes 19, 22-24. (Cf. Anexo C)

<sup>11</sup> O que se conhece como gay “passivo”, ou aquele que recebe a penetração durante o ato sexual. Uso o termo receptivo por problematizar a ideia de papéis de gênero impostos e que colocam aqueles que recebem a penetração - seja homem ou mulher hétero ou não-heterossexual - como passivos, subordinados em relação ao homem, ou ao papel de gênero dominador reconhecido como característica exclusivamente masculina. O uso de receptor, talvez, amenize essa conotação e apenas nos remeta a um comportamento sexual comum tanto a homens, quanto a mulheres, hétero ou não heterossexuais.

Borrillo (2010) ainda enfatiza que as passagens em *Genesis* referentes à Sodoma e Gomorra; as inscrições lapidares de *Levítico*, no Antigo Testamento, e as *Epístolas Paulinas* no Novo Testamento<sup>12</sup> atestam a hostilidade presente no discurso judaico-cristão, e que vai ser reforçada durante a Patrística e a Idade Média, em relação a comportamentos que fogem à heteronorma socialmente construída, mas vista como “natural” aos seres humanos, privilegiando exclusivamente relações das quais se pudesse procriar.

Durante a Escolástica esse cerceamento dos comportamentos sexuais afetará não só homossexuais, mas também qualquer fonte de prazer sexual/carnal que impedisse a fecundação, isto é, a masturbação, a relação com uma mulher menstruada, sexo oral ou anal, também, heterossexual. “Inclusive será nesse período em que as práticas homossexuais foram vinculadas à pedofilia e à prostituição, sendo que a Igreja omitiu quaisquer distinções entre pedofilia e pederastia e escondeu a prostituição heterossexual” (PEREIRA, 2013, p. 11).

Eles achavam que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo deviam ser evitadas porque as associavam à pecaminosa sociedade pagã que os rodeava. A primeira associação que faziam era entre os atos homossexuais e o abuso sexual de crianças. Os cristãos entendiam o sexo com adolescentes como pedofilia e não pederastia. Além disso, viam que a maioria das crianças (indesejada) abandonada à beira da estrada era vendida e geralmente entregue a escravidão sexual até atingir a idade para trabalhar. São Justino, o mártir (c 100 – c 165) escreveu que “temos observado que quase todas as crianças (abandonadas), rapazes e raparigas<sup>13</sup>, serão usadas como prostitutas”. Embora se soubesse que as raparigas eram usadas como escravas sexuais, a igreja nunca associou isso explicitamente à heterossexualidade (NAPHY, 2006, p. 75).

Dessa forma, entre os séculos XIII e XV as perseguições e punições legais de homossexuais, e todos aqueles que fogem a norma estabelecida pela Igreja, vão ter números expressivos, levando, assim, centenas de homossexuais às fogueiras. Até, aproximadamente, o século XVIII “[...] todas as disposições penais, sem exceção, fazem referência ao mito de Sodoma para justificar a punição” (BORRILLO, 2010, p. 54) dessas pessoas que se opunham à “expressão da vontade divina”. Essa proibição legal vai atingir seu ápice, talvez, no concílio de Londres (1102) que, segundo Pereira (2013), demonstra ser um exemplo de um controle que pode nos servir de prova sobre

<sup>12</sup> Romanos 1, 26-27; Primeira Carta aos Coríntios 6, 9-10; Primeira Epístola a Timóteo, 1, 8-10. (Cf. Anexo C)

<sup>13</sup> Moça ou menina em Português de Portugal. Não confundir com o significado pejorativo do Português do Brasil.

a tese elaborada por Foucault (2009) de que a confissão passa a ser um dever do sodomita que não provocava só a Deus, mas representava, juntamente com as prostitutas (fornicadoras e adúlteras), uma ameaça para a sociedade; capazes, até mesmo, de provocar a ira divina (NAVY, 2006).

A partir da ascensão das comunidades modernas, veremos o reforço das proibições sobre as práticas sexuais, tanto através das leis, quanto da religião. Como exemplo, é possível resgatar alguns dados:

Entre 1432 e 1502, mais de 17.000 homens (240 por ano, quase cinco por semana) foram incriminados e 3.000 (43 por ano) condenados por sodomia, numa população florentina de 40.000 habitantes. Se tomarmos uma geração como 20 anos então em qualquer geração cerca de 12 por cento da população masculina pública e oficialmente acusada de sodomia e 2 por cento efetivamente condenada. (NAVY, 2006, p. 107).

Com o advento da Revolução Francesa, com a era das Luzes começa, então, a construção do discurso científico sobre a sexualidade humana, a qual, como nos esclarece Foucault (2009), permanece contaminada pelo imaginário socialmente constituído até então sobre a sexualidade.

### 3.3 LGBT E CIÊNCIA: VONTADE DE SABER OU VONTADE DE PODER?

Falar sobre categorias como gênero e sexualidade requer que pensemos na construção de formas simbólicas e, conseqüentemente, de identidades em nossa sociedade. Contudo, há gêneros e expressões da sexualidade que antes de serem reivindicadas e postas como potencialidades e possibilidades do ser humano<sup>14</sup> foram marginalizadas, criminalizadas e patologizadas por discursos hegemônicos de instituições específicas, com objetivos específicos. Isto é, a forma como compreendemos e vivenciamos nosso gênero e nossa sexualidade está intrinsecamente ligada a certos interesses e submerso em relações de poder, nas quais há formas socialmente consideradas legítimas de se vivenciar o próprio gênero e expressão da sexualidade e há outras subalternas, inferiores e, por fim, “erradas”.

Em *A História da Sexualidade: vontade de saber*, Foucault (2009) fará justamente uma análise dessa produção de discursos que fabricam uma realidade,

---

<sup>14</sup> Um debate ainda em andamento através de diversos campos do saber.



uma “verdade” acerca do sexo e da sexualidade, de modo que aquilo que se mostra como uma potencialidade seja em termos de identidade, gênero e expressão da sexualidade é regulado e controlado através da proliferação de enunciados descritivos, propiciando assim a normatização de nossas mentes e corpos. Esse conjunto de enunciados, por sua vez, perpassam, como dito anteriormente, pelo crivo do exercício do poder na esfera das relações humanas. Portanto, podemos assim considerar tais discursos normatizadores como discursos ideológicos.

Segundo, Foucault (2009, p. 9):

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir.

É no século XVII, então, que se inicia a época da repressão sexual nas chamadas sociedades burguesas. Para tanto, foi necessário reduzir o sexo e a sexualidade ao nível da linguagem como uma forma de dominá-los com maior eficácia. Sua livre circulação pelo discurso na sociedade foi controlada, mas não extinta.

Existe uma “vontade de saber” detalhadamente com intenções específicas de dominação. Embora tenha havido uma aparente remoção do assunto do nível social, segundo o autor, não ouve uma repressão ou silenciamento em relação a produção de discursos, mas sim uma incitação que deve passar por determinadas instâncias reguladoras, ficando reservado a certas circunstâncias e ouvintes. Quem regula a enunciação sobre sexo e sexualidade é a família, a escola e a ciência, que instauram regras e normas. Os discursos provenientes desses enunciados atentamente controlados são formulados a partir da enunciação de desejos, pensamentos e sentimentos mais íntimos que, segundo Foucault, são ouvidos e analisados através do confessionalário. Dessa forma, a Pastoral Cristã

[...] procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de domínio e de

desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste. O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição. Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, suscetíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia. (FOUCAULT, 2009, p. 29).

Ao contrário do que se pensa sobre repressão sexual no que se refere à redução ou o veto da presença da sexualidade no discurso, não foi esse o caminho pelo qual o ocidental percorreu, nos mostra Foucault (2008). Isto é, muito se falou e se produziu a respeito do sexo e sexualidade. E ao enunciar cada vez mais sobre estes aspectos da vida humana o ser humano acaba, ao mesmo tempo, por produzir tais aspectos e, por conseguinte, produzir a si mesmo, pois como nos diz Foucault (2008) a confissão acabou por se tornar uma espécie de instrumento responsável por produzir “verdades” regidas pelas relações de poder.

Após a instituição da religião – ou religiões – exercerem seu poder, é no século XIX que surge aquela instituição sobre a qual recai as críticas de Foucault, e o que ele nomeará de *scientia sexualis*, encaixando o sexo e a sexualidade a partir de uma ótica científica baseadas numa lógica de controle dos corpos e das mentes, intimamente ligados às relações de poder estabelecidas na sociedade. E é neste período que as pessoas LGBT, de um modo geral, começam a ser estudadas, catalogadas e patologizadas, como bem nos aponta Borrillo (2010) e Santos (2011).

O que o filósofo parece pretender destacar em sua crítica é o desprendimento desse conhecimento, aparentemente despretensioso, do contexto social e político em que foi concebido, podendo, em muitos casos, expressar certas influências de preconceitos legitimados por uma sociedade.

Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai, também, com exatidão todos os vossos sentidos,... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento... Enfim, **não creiais que nessa matéria tão melindrosa e**

**tão perigosa, exista alguma coisa de pequeno e leve.** (FOUCAULT, 2009, p. 23, grifo nosso).

Ou seja, é claro para Foucault que as intenções acerca dessa *vontade de saber*, tanto para a religião, quanto para a ciência, não são neutras, tampouco bem-intencionadas. A sociedade é levada a crer numa verdade, vista quase como autônoma, de que o saber sobre o sexo nos levaria a uma suposta verdade sobre nós mesmos, de modo que ele seria responsável por revelar a instância mais profunda do que somos. Assim essa investigação quanto mais profunda fosse em nossos corpos, mais poder sobre eles os “detentores” e os produtores de conhecimento possuiriam.

Esse domínio científico sobre o sexo e suas “verdades” é construído com a mesma base do controle religioso, o enunciado dos próprios cidadãos comuns, ao passo que, para Foucault (2009) são incentivados a permanecer numa busca pelo sexo “verdadeiro”. Assim foi feita a descrição de uma série de sexualidades, a partir das quais houve um estabelecimento preciso dos limites entre aquilo que pode ser considerado normal e o que não pode. Forma-se então uma ciência essencialmente fundamentada pela relação estratégica que há entre o saber e o poder.

É importante frisar que a sexualidade, tal e qual a conhecemos através da ciência, ainda segundo o autor, é uma construção discursiva repleta de ditos e não-ditos, que proporciona a quem dele se apropria e (re)produz tal discurso a garantia de exercer poder sobre os sujeitos e seus corpos.

E se, em algum momento, foi mencionado o “vício contra a natureza” para fazer referência a homossexualidade<sup>15</sup>, essa natureza foi interpretada, sobretudo, como uma ordem moral, e não como um dado científico neutro. (BORRILLO, 2010, p. 63).

Para finalizar, Foucault (2009) nos alerta que essa “vontade de saber” a respeito do sexo nos adentra e nos limita aos padrões de comportamento convencionados pela influência que discurso científico sobre o sexo, assim como qualquer outro discurso tem o poder de nos constituir.

---

<sup>15</sup> Acrescento aqui também a bissexualidade, travestilidade, transexualidade e transgeneridade.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Os debates acerca das ditas minorias sexuais e de gênero, hoje, no Brasil, têm se proliferado de forma exponencial. Tendo em vista esta visibilidade que o movimento LGBT tem conquistado, principalmente entre os meios de comunicação e o advento da internet no contexto contemporâneo. Contudo, essa visibilidade, segundo Louro (2001, p. 542) acaba gerando efeitos controversos, sendo que

[...] por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

Desse modo, o presente estudo se interessa em refletir acerca da enunciação de sujeitos pertencentes a esse setor tradicional da política brasileira que, embora pertencentes a segmentos sociais distintos entre si, unem-se à uma só voz para discorrer contra políticas públicas desenvolvidas à comunidade LGBT.

Para tanto, a análise se deu através do método de Análise do Discurso, como pontua Orlandi (2008), há uma passagem inicial sobre a superfície linguística do material bruto coletado e o objeto discursivo, de modo que esta primeira análise se configura como um processo de dessuperficialização. A partir deste processo, foi analisado como as enunciações aconteceram, quem são os sujeitos que as enunciaram e em que circunstâncias foram ditas. Sendo que os enunciados aqui analisados pertencem aos políticos: Deputado Jair Bolsonaro (Partido Progressista-RJ), o ex-candidato à presidência o senhor Levy Fidelix (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro-SP) e o Senador Magno Malta (Partido da República-ES). Sendo o primeiro e o segundo políticos declaradamente católicos e o último evangélico. Os partidos dos três políticos fazem parte da composição do que se entende pelo bloco político de direita<sup>16</sup> no Brasil.

---

<sup>16</sup> Segundo Tarouco e Madeira (2013, p. 151) “O uso das categorias esquerda e direita para indicar preferências políticas remonta à Revolução Francesa, na reunião dos Estados Gerais, no final do século XVIII. Delegados identificados com igualitarismo e reforma social sentavam-se à esquerda do rei; delegados identificados com aristocracia e conservadorismo, à direita. A distinção original entre defesa da ordem ou da mudança correspondia a uma disposição espacial e ao longo do século XIX na Europa a distinção entre esquerda e direita passa a ser associada com a distinção entre liberalismo e conservadorismo.”

Os três vídeos foram coletados *on-line* dos portais da *TV Câmara* e do popular *YouTube*, de modo que se teve como principal critério para escolha dos vídeos: ser protagonizado por políticos brasileiros, ter como conteúdo principal manifestações contrárias à implementação de políticas públicas direcionadas à comunidade LGBT, ser relativamente recente considerando, principalmente, assuntos como: a extinta PLC 122/06<sup>17</sup> e o vetado Kit *Escola Sem Homofobia*<sup>18</sup> ou, ainda, casamento entre pessoas do mesmo gênero.

Como método de transcrição foram utilizadas as normas presentes no livro “Oralidade em Textos Escritos”, organizado por Dino Preti (2009) com tabela fixada no Anexo B.

O segundo momento procurou-se dar conta daquilo que é chamado em AD de esquecimento número dois. Segundo Orlandi (2008, p. 65) é “a impressão de que aquilo que é dito só poderia ser dito daquela maneira”, dessa forma trabalhou-se de modo que fosse possível desconstruir tal ilusão a partir da recuperação do material teórico anteriormente explorado. Assim pudemos analisar o que estava sendo dito nos presentes discursos, em comparação com aquilo que já foi dito em outros discursos, posicionados em outros contextos de produção, e que assim foram, também, eles afetados por memórias discursivas diferentes. Dessa forma o processo de análise se deu a partir da divisão de excertos das enunciações em três grandes categorias que serão divididas em três subseções: “*Por muito menos Deus destruiu Sodoma e Gomorra: o discurso religioso*”; “*Eu estou com a verdade: o discurso normatizador, a patologização e outras (in)verdades*”; “*Porque nós somos maioria vamos enfrentar essa minoria: o discurso da fragmentação social*”. Os enunciados foram organizados

---

<sup>17</sup> O Projeto de Lei da Câmara de 2006, ou PLC 122/06 é uma lei que se originou do PL 5003/2001 de autoria da ex-Deputada Iara Bernardi (PT/SP), e que determinava punições relativamente à discriminação em razão de orientação sexual. Ao chegar no Senado Federal, foi averiguado que outros projetos similares já haviam sido apresentados (PL 05/2003; PL 281/2003; PL 3143/2004; 3770/2004 e PL 4243/2004) que ou tentavam alterar a Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, para que, além do preconceito étnico-racial, pudesse abarcar discriminação contra “sexo”, “gênero”, “orientação sexual e até mesmo contra “cultura”, ou se tentava criar uma lei autônoma para o mesmo fim, punir esses tipos de discriminação. Sendo assim, foram todos apensados ao, então, PL 5003/2001. E foi quando o projeto passou da Câmara dos Deputados para o Senado, que ganhou uma nova numeração. Agora, PLC 122/06. Entre polêmicas e diversas discussões, o PL tramitou por oito anos, até que no início de 2015 o projeto precisou ser arquivado para que se fizesse cumprir o Regimento Interno da Casa, impondo que as propostas que tramitam há mais de duas legislaturas sejam arquivadas. O PLC ficou conhecido na mídia como Lei Anti-homofobia. Para mais informações sobre o PLC, com todo o seu histórico e textos acessar: <<http://www.plc122.com.br/>>. Ou ainda, para ter acesso a todos os textos, tramites e relatórios das Comissões da Câmara, acessar: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>>.

<sup>18</sup> Para entender o que é o projeto: (Cf. INCLUSIVE, 2011). Para ter acesso ao material: (Cf. NOVA ESCOLA, 2015).

conforme notava-se características em comum, como, por exemplo, a presença de referências religiosas na primeira categoria. Para a segunda, foi considerada a presença de referências à patologização das pessoas LGBT ou ainda a premissa de uma norma de comportamento que deve ser seguida. Na última categoria, constata-se que os sujeitos da enunciação pretendem provocar um embate direto entre pessoas LGBT e o resto da população, através do discurso “maioria contra minoria”.

Nesta fase, foi possível converter o dado empírico coletado em discursos concretos, em objetos teóricos que foram linguisticamente dessuperficializados, sendo possível, assim, segundo Orlandi (2008, p. 66) um tratamento crítico da impressão imediata da “realidade” do pensamento “que sobrepõe palavras, ideias e coisas” em detrimento da constituição sócio-histórica desses discursos ocultados.

Aliando, também, a teoria de Thompson (2011) que propõe modos de operação da ideologia através de estratégias que visam sustentar relações de poder através do discurso.

#### 4.1 “POR MUITO MENOS DEUS DESTRUIU SODOMA E GOMORRA”: O DISCURSO RELIGIOSO

Antes de partir para a análise do discurso propriamente dita, é exigido por este trabalho avaliar as condições de produção das enunciações aqui analisadas, principalmente neste primeiro momento do estudo em que está em pauta o discurso religioso judaico-cristão e, como vimos anteriormente, pode ser considerado como uma das principais bases que sustentam o discurso LGBTfóbico que circula de forma organizada e articulada no Congresso Nacional Brasileiro, principalmente, através de duas frentes parlamentares<sup>19</sup> que se denominam como: bancada evangélica e bancada católica; das quais temos dois representantes aqui analisados, Jair Messias Bolsonaro (PP-RJ)<sup>20</sup> e Magno Malta (PR-ES)<sup>21</sup>. O primeiro<sup>22</sup> é deputado federal pelo

---

<sup>19</sup> “É uma associação suprapartidária de pelo menos 1/3 dos integrantes do Poder Legislativo Federal destinada a aprimorar a legislação referente a um tema específico.” (BRASIL, 2007).

<sup>20</sup> Cf. presença do nome do deputado na lista da Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana: (BRASIL, 2015b).

<sup>21</sup> Cf. presença do nome do senador na lista da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional: (BRASIL, 2015a).

<sup>22</sup> Cf. (BRASIL, s/d a).

Rio de Janeiro, formado em Educação Física e militar da reserva declaradamente católico<sup>23</sup>, bem como o terceiro sujeito de quem a enunciação, também, será analisada, o ex-candidato à presidência do Brasil no ano de 2014, senhor Levy Fidelix<sup>24</sup>, fundador do partido do qual faz parte PRTB. O senador Magno Malta<sup>25</sup>, é formado em teologia e, além de fazer parte da bancada evangélica, é cantor gospel. Estes são apenas recortes biográficos que foram vistos como pertinentes para a análise aqui proposta por esta categoria, tendo em vista a forte presença que o discurso religioso terá nas enunciações que aqui se inscrevem.

#### EXCERTO 1 – Magno Malta

eu estou vindo de uma reunião da câmara... agora... senador Igor Cassol... de uma grande reunião de parlamentares... mas muitos parlamentares... ateus... **a bancada católica que me autoriza a falar em nome dela...** deputado Eros Biondini... **a bancada evangélica... espírita... que não confessa fé nenhuma... gente que são islâmica... mas que acredita em família... nos princípios nos moldes de Deus...** o MINISTRO foi LEVADO A SE REUNIR LÁ NA CÂMARA... pra falar desse tal kit que está **passando dos limites...** (grifo nosso)

#### EXCERTO 2 – Magno Malta

minha consciência não está a serviço de uma minoria que eu respeito... agora valores de família eu vim aqui pra isso... é essa a missão que deus me deu... a missão que o Brasil me deu... a missão que o estado me deu... (grifo nosso)

#### EXCERTO 3 – Magno Malta

**senador Blairo Maggi...** vossa excelência que é **CATÓLICO... PRATICANTE...** **QUE SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA E ESSA CASA NÃO FARÁ UM TERCEIRO SEXO** com uma lei... PORQUE HÁ DE ESBARRAR NOS **HOMENS E MULHERES** QUE ACREDITAM EM PRINCÍPIOS... E UMA MINORIA BARULHENTA JAMAIS SOBREPORÁ A UMA GRANDE MAIORIA que é a **FAMÍLIA** nesse país... (grifo nosso)

É preciso evidenciar, antes de mais nada, que as relações de força estão presentes nas enunciações. Nos excertos acima, o senador Magno Malta evoca nome de parlamentares durante sua fala. E assim o faz constantemente, como pode ser conferido na íntegra no Apêndice B. Além de se posicionar, não só como um representante parlamentar democraticamente eleito que de fato é (“missão que o Brasil me deu” / “missão que o estado me deu”), mas como figura que concentra em

<sup>23</sup> Cf. (JAIR ..., 2011).

<sup>24</sup> Cf. (FICHA..., 2014).

<sup>25</sup> Cf. (BRASIL, s/d b).

si a voz de grupos religiosos e não-religiosos presentes numa reunião acerca do material educativo do projeto *Escola Sem Homofobia* (“ateus... a bancada católica que me autoriza a falar em nome dela... deputado Eros Biondini... a bancada evangélica... espírita... que não confessa fé nenhuma... gente que são islâmica....”). Como também se coloca como executor, inclusive, de uma missão dada por Deus (essa a missão que Deus me deu). Isto é, o fato dele se dirigir diretamente a pessoas específicas, e se colocar como porta-voz de determinados grupos, como, por exemplo, faz explicitamente em relação à bancada católica (“a bancada católica que me autoriza a falar em nome dela”) firma sua posição social de representante e autoridade enquanto expressa não só sua ideia ou uma frente específica, mas a de uma “maioria”. Talvez seja aqui, assumindo que está seguindo uma missão de Deus, que sua biografia religiosa se funde com a figura política. Tais fusões podem ser identificadas inclusive na enunciação do deputado Bolsonaro

#### **EXCERTO 4 – Bolsonaro:**

em nome da família... em nome dos bons costumes... em nome do cristianismo... em nome das peças de bem... nós não podemos estimular isso [...] na escola... (grifo nosso)

O deputado Bolsonaro, utilizando sua posição de legislador, se coloca como defensor da família, dos bons costumes, do cristianismo e das pessoas de bem. Um porta-voz oficial desse grupo que possui todas essas características e que se distinguem daqueles que não as tem. O não-dito dessa sentença é que se existe a defesa da família é porque ou ela está naturalmente se destruindo, ou há aqueles que estão tentando destruí-la; se há aqueles que cultivam os bons costumes, também há os maus; se há a defesa de “pessoas de bem”, é porque há as pessoas “do mal”; e se há essa inserção do cristianismo entre essas categorias, podemos supor que as pessoas que professam dessa fé automaticamente carregam essas características. Uma hipótese de análise que, como veremos, não foge das evidências coletadas neste estudo. Ainda com essa defesa explícita do cristianismo, podemos pensar: onde estão posicionadas as outras crenças que não a cristã? Será que estariam elas posicionadas no revés das pessoas de bem e dos bons costumes? Ponto este que não é objetivo deste trabalho, mas que nos faz refletir.

Sendo assim, as relações de força vão se moldando frente a este maniqueísmo construído discursivamente nas enunciações, através dos quais os



líderes “político-religiosos” se posicionam no ato da enunciação e são legitimados pelos seus mandatos frente a um processo democrático.

Devidamente posicionados no discurso, sabendo quem representam e quais objetivos e defesas precisam ser feitas, a modalização das enunciações acontece a partir da “antecipação”, que, como diz Orlandi (2008), ocorre através de um jogo de imagens, no qual se tem a imagem da posição do sujeito locutor e também do objeto do discurso. Dessa forma, o locutor enuncia aquilo que ele percebe que seu interlocutor parece querer ouvir, a partir da imagem que ele forma da imagem que seus interlocutores fazem dos preceitos religiosos, em contraste a promoção de políticas públicas para a população LGBT - que é o objeto sobre qual se fala.

Um político que usará a sua religião, a de seus colegas de cargo e eleitores para fundamentar suas defesas, ao trazer, por exemplo, Deus constantemente para a enunciação e, num processo parafrásico, retornar aos espaços do dizer sedimentados socialmente: defender um modelo heterocentrado de relações sexuais e afetivas proclamadas pela religião como normais<sup>26</sup> (que acredita em família... nos princípios nos moldes de Deus...<sup>27</sup> / SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA<sup>28</sup>) e, também, de um binário de gênero (homem x mulher / macho x fêmea) supostamente construídos por Deus.

A sociedade passa a, então, fazer parte da narração bíblica, reduzindo a historicidade das construções simbólicas a dados independentes, anteriores e superiores a atividade humana, ditados por um Deus onisciente e onipresente; uma força metafísica personificada na imagem masculina e que cria o homem a sua imagem e semelhança – se quisermos, assim, explicitar as relações de sentido que nos conduz a uma concepção patriarcal sobre a qual a religião judaico-cristã é pautada.

#### EXCERTO 5 – Magno Malta

**por muito menos Deus destruiu Sodoma e Gomorra...** aliás eu estou convencido senador Pinheiro que **se Deus não tomar uma atitude nesse país ele terá que se desculpar com Sodoma e Gomorra...** pra onde nós vamos?... (grifo nosso)

<sup>26</sup> Cf. **Anexo C**. Principalmente os seguintes excertos: (Romanos 1:26,27); (Levítico 20, 13) e (Levítico 18, 22)

<sup>27</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção

<sup>28</sup> Cf. EXCERTO 3 dessa subseção.

No excerto acima, Magno Malta, para justificar sua posição contrária a pautas LGBT no congresso, nos traz a narrativa bíblica de Sodoma e Gomorra. A essa formação discursiva evidencia-se a estratégia ideológica de *narrativização*, que Thompson (2011, p. 83) caracteriza como uma das exigências de legitimação que “estão inseridas em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável”, sendo importante ressaltar que muitas das tradições são inventadas “a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão”.

Os mitos de Sodoma e Gomorra aludem para a ira de Deus, frente aos atos considerados imorais. Desse modo, até hoje o termo “sodomita” continua sendo vinculado a homens que praticam a atividade sexual com outros homens ou mantém alguma relação afetiva. Essa relação de sentidos recupera a posição marginalizada e inferiorizada daqueles que ousam transgredir normas sexuais e de gênero. E que dentro da estratégia de *narrativização* pretende-se alertar o interlocutor para o quão pior nossa sociedade está em relação àquela que foi destruída por este Deus bíblico (“se Deus não tomar uma atitude nesse país ele terá que se desculpar com Sodoma e Gomorra...”) e que por isso corre o perigo de ser destruída (“por muito menos Deus destruiu Sodoma e Gomorra”).

#### EXCERTO 6 - Levy Fidelix

eu vi agora o padre... o santo padre o papa... ex-pur-gar... fez muito bem... do Vaticano um pedófilo... está certo... **nós tratamos a vida toda com a religiosidade... pra que os nossos filhos possam encontrar realmente um bom caminho familiar...** (grifo nosso)

Fidelix traz sua posição religiosa vinculando a homossexualidade com a pedofilia – análise que será melhor explicitada na subseção seguinte – colocando o principal líder religioso católico no papel de autoridade que foi capaz de expulsar este “mal” do Vaticano.

Dessa forma, vemos, ainda que de forma breve, que a *narrativização* bíblica para fundamentar leis e posições políticas – daí o termo fundamentalismo religioso – é uma constante entre políticos que compõem as bancadas católica e evangélica para se posicionarem contra propostas que ameaçam os limites dos preceitos judaico cristãos (“pra falar desse tal kit que está passando dos limites...”<sup>29</sup>) como, por exemplo,

---

<sup>29</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção.

a formação familiar constituída por um homem e uma mulher (“nós tratamos a vida toda com a religiosidade... pra que os nossos filhos possam encontrar realmente um bom caminho familiar”<sup>30</sup> / SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA<sup>31</sup> /)

Por fim, vale ressaltar que **EXCERTO 1** traz uma série de elementos que nos apresentam a uma memória discursiva dúbia que transita entre a esfera religiosa, a qual diz que deus criou os dois sexos presentes na natureza, mas, também, pode nos levar para a esfera biológica quanto a normatização e organização dos gêneros neste binário homem vs. mulher e que qualquer coisa desviante dessa lógica cis-heterossexista é um estado patológico do ser humano, bem como será analisado na próxima subseção.

#### 4.2 “EU ESTOU COM A VERDADE”: O DISCURSO NORMATIZADOR, A PATOLOGIZAÇÃO E OUTRAS (IN)VERDADES

A parte destacada do título dessa subseção foi retirada da fala do deputado Bolsonaro que, embora não esteja se referindo diretamente à temática que este estudo pretende analisar, isto é, sobre a comunidade LGBT, mostra-se importante notar sua pretensa ideia de que “a verdade” é um dado empírico sobre a qual se tem acesso direto. E reivindicar sua posse de forma tão enfática, como ocorre durante sua enunciação, acaba por servir como um pacto ou um juramento de confiança que o sujeito da enunciação pretende estabelecer com seu interlocutor menos desatento.

Nesta subseção, por sua vez, serão analisados excertos dos três políticos em que foi identificado elementos discursivos (escolha lexical, construções sintáticas, em que fica nítida a memória discursiva dos sujeitos em relação, principalmente, ao discurso biológico e médico patologizante que passa a ser desenvolvido e moldado a partir do século XVIII, como Foucault (2009) demonstrara em sua *História da Sexualidade* e como fora aqui apresentado na subseção 3.3. Vejamos abaixo algumas declarações:

##### **EXCERTO 1 - Bolsonaro**

---

<sup>30</sup> Cf. EXCERTO 5 dessa subseção.

<sup>31</sup> Cf. EXCERTO 3 dessa subseção.

e esse material... filmetes por exemplo... **um dos filmetes... “Encontrando Bianca”... é um menino chamado Ricardo... que quer ser tratado como Bianca na escola...** ele exige que se faça uso do banheiro feminino... ele pinta as unhas... **quase espanca a professora porque quer ser chamado de Bianca...** imagine nas escolas como é que fica passando esse filme... a molecada que chamasse Ricardo ia ser apelidado de Bianca... pega o moleque de doze anos pega o de oito vai pintar as unhas dele... e vai falar que ele é menininha... se fala tanto em *bullying*... e vai **estimular o homossexualismo...** (grifo nosso)

O filme em questão<sup>32</sup> apresenta a estória de uma menina trans, em um contexto escolar, falando sobre suas frustrações e, também, sobre as dificuldades que teve de lidar ao assumir sua identidade de gênero que não convergia com aquela que lhe foi imposta ao nascimento, baseada numa cis-heteronorma. Bolsonaro deixa claro que não reconhece como legítimas as identidades que fogem à norma, quando, ao se referir à Bianca, diz: “é um menino chamado Ricardo”. Desrespeitando, assim, a autoidentificação da personagem e atribuindo-lhe o gênero que lhe foi compulsório e anterior a transição de sua expressão de gênero. Ao trazer tal afirmação para seu discurso, de forma tão categórica, nota-se que há um esvaziamento do debate acerca das identidades trans; o que, automaticamente, através dos não-ditos, reforça a ideia biologizante sobre gênero. Isto é, a ideologia passa a operar através da *naturalização* de categorias construídas sócio-historicamente. Uma visão linear de que os gêneros binários são dados naturais e inatos ao ser humano. Sendo que essas categorias sexuais e de gênero (homossexual, bissexual, transexual) só começam a surgir com nomes específicos e descrições detalhadas somente a partir do século XVIII com o advento da ciência moderna e sua vontade de saber e que Foucault defende como uma estratégia de controle sobre os corpos que vão constituir as “verdades” do discurso médico - ou como defende-se aqui: ideologias - mantendo uma lógica maniqueísta entre normal/natural e anormais/antinaturais/anomalias.

Nesse mesmo excerto, o deputado chega a citar que a personagem Bianca “quase espanca a professora” para que o uso de seu nome social<sup>33</sup> seja respeitado. Entretanto, faz-se necessário conferir o referido vídeo, disponibilizado *on-line*, para constatarmos que tal informação não confere com o material original. Ou seja, o político dispõe de uma estratégia ideológica que está para além de uma articulação

<sup>32</sup> Cf. ECOS. **Encontrando Bianca.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Eb9UCT1138>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

<sup>33</sup> “Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.” (JESUS, 2012, p. 30).

de discursos dentro de uma lógica não muito acurada e rasa sobre o debate que envolve a população LGBT, mas com isso, percebe-se evidências de que se pretende manipular a visão do interlocutor sobre o referido material, quando constatamos a invenção de uma informação que não consta no material mencionado pelo deputado.

A seguir, ao final do excerto, o político afirma que a exibição dos dois vídeos que ele apresentara como exemplos do material que seria distribuído nas escolas do primeiro grau influenciaria o “homossexualismo” [sic]. Antes de entrar na questão dessa escolha lexical estratégica, nota-se que há uma indexação da categoria de identidade de gênero à categoria de orientação sexual, representada pela homossexualidade no discurso do político. Isto é, a deslegitimação da identidade de gênero acontece tanto através do não-reconhecimento da identidade da personagem Bianca e de seu nome no vídeo, quanto no momento em que identidade de gênero e orientação são vistas apenas como “homossexualismo” [sic].

A fala do Bolsonaro, ainda, apresenta uma recorrência de uma certa escolha lexical, como comentado anteriormente, a qual, para essa análise, não pode ser ignorada. Vejamos os excertos a seguir:

#### EXCERTO 2 - Bolsonaro

[...] pega o moleque de doze anos pega o de oito vai pintar as unhas dele... e vai falar que ele é menininha... se fala tanto em *bullying*... e vai **estimular o homossexualismo**... que os outros... filmetes... [...] (grifo nosso).

#### EXCERTO 3 - Bolsonaro

B: [...] isso vai **estimular** o que... lá na escola pública do primeiro grau?.../  
E: o senho...

[  
B: **o homossexualismo**  
E: o senho...

[  
B: e vai escancarar as portas pra pedofilia também (grifo nosso).

#### EXCERTO 4 - Bolsonaro

[...] botei umas quatro fotografias né? ... que eu chamo de fundamentalistas homossexuais a favor de... **estimular o homossexualismo** nas escolas... [...] (grifo nosso).

A preferência pelo emprego de “homossexualismo” em detrimento do termo “homossexualidade”, como se pode notar nos recortes acima, é comum no discurso LGBTfóbico, visto que esse termo carrega uma carga semântica estigmatizada devido

ao recorrente uso na área médica, principalmente a partir do século XVIII, como nos alerta Foucault (2009), quando o discurso hegemônico da ciência era o reconhecimento da homossexualidade como um estado psiquiátrico patológico, e que, mais tarde, no final do século XIX, a posicionam em um local “marginal no âmago da ‘hierarquia sanitária’ dos sexos e das sexualidades” (Borrillo, 2009, p. 66).

Dessa forma, após a retirada da homossexualidade dos principais documentos<sup>34</sup> que listam doenças e distúrbios mentais, a comunidade que hoje conhecemos como LGBT optou por utilizar o termo homossexualidade para se referir às lésbicas e gays, livrando-se do sufixo “-ismo”, recorrente - embora não de forma exclusiva - na catalogação de doenças, na tentativa de desvincular-se do estigma excludente do antigo termo.

#### EXCERTO 5 - Bolsonaro:

[...] daqui a pouco um pai vai chegar em casa... vai ver o filho com as unhas pintadas... ou com um batom na boca... como se não bastasse mais o brinco né? ... e:... pai... o garoto vai falar pro pai “isso é normal... na escola estão passando um filme nesse sentido” (grifo nosso).

Neste excerto, primeiramente, é preciso notar que Bolsonaro prefere estabelecer uma relação hierárquica entre os dois sujeitos do gênero masculino, ao escolher, em sua enunciação, falar sobre pai e filho. Sendo que o segundo é subordinado ao primeiro. Ou seja, o pai surge como representante e principal modelo de masculinidade, e o filho, representando o sujeito a ser modelado e que ao utilizar esmalte e batom, acaba por transgredir a heteronorma, que, para a sociedade, são signos reconhecidamente vinculados a imagem do feminino, “como se não bastasse

---

<sup>34</sup> “Em 1973, os Estados Unidos retirou “homossexualismo” da lista dos distúrbios mentais da *American Psychology Association*, passando a ser usado o termo Homossexualidade. Em nove de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina aprovou a retirada, no Brasil, da homossexualidade do código 302.0, referente aos desvios e transtornos sexuais, da Classificação Internacional de Doenças. Em 17 de maio de 1990, a Assembleia Mundial da Saúde aprovou a retirada do código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde. A nova classificação entrou em vigor entre os países-membro das Nações Unidas a partir de 1º de janeiro de 1993. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99, considerando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”, que “há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente” (qual seja, a heterossexualidade), e, especialmente, que “a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações”. Assim, tanto no Brasil como em outros países, cientificamente, homossexualidade não é considerada doença.” (ABGLT, s/d, p. 11).

mais o brinco”. Tal concepção, também, nos remeterá à construção social de subordinação e inferiorização do gênero feminino ao decorrer da história.

O não-dito deste excerto coloca o homem que se utiliza de cosmético como inferior, visto que, de certa forma, está se igualando ao feminino por incorporar seus signos. Bolsonaro aqui, está expressando, para além de um mero exemplo, sua indignação mediante a transgressão das normas de gênero, se considerarmos, por exemplo, que o deputado está criticando a possível influência “negativa” que os materiais que compõem o polêmico kit que compõe o projeto Escola Sem Homofobia<sup>35</sup> podem ter sobre as crianças a se desviarem do curso da heteronorma estabelecida socialmente.

#### EXCERTO 6 – Bolsonaro:

[...] dos relatórios dessa pesquisa<sup>36</sup>... eles ficaram indignados... porque os alunos não sabem o que quer dizer a sigla lgbt... lésbicas... gays... bissexuais... travestis... e transexuais... FICARAM INDIGNADOS COM ISSO... E LÁ **PREGARAM NA ESCOLA**... “olha lgbt é isso”<sup>37</sup>... isso é importante pro garoto?... agora se perguntar pra muito garoto o que é df... ela não sabe que é Distrito Federal... tá?... mg não sabe que é Minas Gerais... mas agora lgbt ele vai ter que saber... com que intenção?... com que intenção?... **estimular a PROMISCUIDADE**... é isso? (grifo nosso).

Nesse excerto há dois pontos a serem destacados. O uso do verbo “pregar” para se referir a ação dos realizadores dessa pesquisa e o termo promiscuidade associado ao ensino do que seria o significado da sigla LGBT. Pregar, segundo o Dicionário Priberam Da Língua Portuguesa (2013), para além de seu sentido usual, também, pode significar:

1. Anunciar do púlpito a palavra de Deus. 2. [Figurado] Louvar, exaltar, preconizar. 3. Propagar, apregoando, evangelizando. 4. Fazer propaganda de. 5. Inculcar, alardear. 6. Pronunciar sermões. 7. Evangelizar. 8. Propagar o cristianismo. 9. [Figurado] Bradar, clamar. 10. Protestar. 11. Vociferar. (grifo do autor).

<sup>35</sup> Popularmente conhecido como kit gay ou kit anti-homofobia.

<sup>36</sup> Essa pesquisa encontra-se referenciada neste trabalho. Cf. REPROLATINA, 2011.

<sup>37</sup> É preciso elucidar que, como se pode constatar, a pesquisa em momento algum entrevistou ao ponto de “pregar” ou ensinar conteúdo aos entrevistados. No relatório técnico final, foi apenas mencionando o seguinte: “O conceito de identidade de gênero é praticamente desconhecido por educadores(as) e estudantes; foram raras as opiniões que se aproximaram do conceito utilizado pela pesquisa. A sigla LGBT é conhecida por alguns, mas houve dificuldades para saber o que significa a letra “T” da sigla (travesti e transexual)” (REPROLATINA, 2011, p. 39).

Isto é, observa-se que o termo compõe um campo semântico ligado à “evangelização”/doutrinação ou à propaganda, no sentido de propagação de uma ideia. O que em si, talvez, não tivesse um cunho negativo, caso não fosse seguido por uma inferiorização da temática LGBT no contexto escolar, quando, por exemplo, o deputado faz alusão à maior importância sobre abordar as questões geográficas. Declara-se, dessa forma, que as questões de gênero e sexualidade voltadas às pessoas LGBT é um estímulo ao comportamento promíscuo.

Não é objetivo desta análise fazer uma discussão crítica e aprofundada acerca da associação entre pessoas LGBT e a promiscuidade, o que por si daria uma outra pesquisa de densidade e importância teórica imensuráveis.

Contudo, a estratégia ideológica aqui é clara e que, me utilizando da teoria de Thompson (2011), pode ser reconhecida como uma operação de *Unificação*, através da *padronização*, isto é, uma tentativa de aplicar a todo um grupo uma determinada característica, apagando, assim, diferenças e especificidades dentro desse mesmo grupo, ou até mesmo a veracidade acerca da informação que se pretendeu disseminar. Embora a identidade das pessoas LGBTs tenha sua dimensão afetiva, sua constituição histórica, cultural e identitária, sempre esteve relacionado com o sexo e o desejo sexual, visto que surgem, como conhecemos hoje, a partir da construção dos discursos médicos acerca das identidades sexuais e de gênero que ocorreram de forma simultânea a partir do século XVIII.

A memória discursiva aqui é clara quando se destaca, também, o envolvimento da comunidade LGBT com o movimento de liberação sexual iniciado nos EUA e que se alastrou por todo o mundo ocidental entre as décadas de 1960 e 1980. Faz-se importante comentar, ainda, sobre a exposição negativa por parte da mídia a respeito da proliferação em massa do vírus HIV, sobretudo no seio da comunidade LGBT, entre as décadas de 1980 e 1990, sendo noticiado nos meios de comunicação como o “câncer gay”<sup>38</sup>. Tendo em vista todo esse panorama contextual, fica clara a associação entre promiscuidade, no sentido de liberdade sexual e autonomia dos corpos e a comunidade LGBT. Todavia, não parece que a intenção do Bolsonaro seja fazer certo destaque conceitual. A intenção ideológica por trás dessa *padronização* será a de moldar um inimigo (ou o *expurgo do outro*, como será visto na próxima subseção), quando destaca e enfatiza a suposta característica problemática

---

<sup>38</sup> Para mais detalhes sobre este período ler: (PEREIRA, 2004, p. 52-62)



de um hipotético descontrole sexual. Essa associação à devassidão atinge seu ápice no EXCERTO 3 (“e vai escancarar as portas pra pedofilia também”), trazendo essa associação da comunidade LGBT com a pedofilia. O deputado Jair Bolsonaro não foi o único se utilizar dessa associação. De forma menos explícita, Fidelix evoca o tema da pedofilia em um comentário:

**EXCERTO 7 – Levy Fidelix:**

eu vi agora o padre... o santo padre o papa... **ex-pur-gar... fez muito bem... do Vaticano um pedófilo...** está certo... nós tratamos a vida toda com a religiosidade... pra que os nossos filhos possam encontrar realmente um bom caminho familiar... (grifo nosso).

O comentário aparentemente descontextualizado, parece ter um objetivo oculto em comparar a condição de pessoas LGBT à condição - que aqui considera-se como patológica - da pedofilia, trazendo, também, sua crença religiosa como base, - como já foi discutido anteriormente - inseridos numa resposta à, também, ex-candidata, Luciana Genro, que lhe pergunta a respeito de sua posição frente as famílias homoparentais<sup>39</sup>.

Insistindo no tratamento aos homossexuais como uma condição patológica, Fidelix ainda diz:

**EXCERTO 8 – Levy Fidelix:**

eu não tenho medo de dizer que sou o pai ((faz sinal de firmeza com a mão))... mamãe... vovô... e o mais importante... é que **esses que tem esses problemas realmente sejam atendidos no plano psicológico e afetivo... mas bem:: longe da gente... bem:: longe mesmo que aqui não dá...** (grifo nosso).

A forma explícita como o político expressa sua opinião nesse excerto é possível recuperar não só o *status* patológico do homossexual entres os séculos XVIII e XX, quando diz “esses que tem esses **problemas**”, mas quando insinua que essas pessoas “sejam atendidas no plano psicológico e afetivo” está se referindo a uma busca médica (plano psicológico e afetivo), remetendo-nos às especialidades da psicologia ou psiquiatria. A última parte desse recorte chama a atenção por duas razões: por despertar o sentimento de repulsa, do querer longe – discurso que será explorado na próxima subseção -, e não só; mas à reclusão de homossexuais em

---

<sup>39</sup> Termo para designar uma configuração familiar tendo como casal duas pessoas do mesmo gênero.

“asilos” juntamente com sujeitos de diferentes condutas, assim como explica Foucault (1978, p. 116):

Estranha superfície, a que comporta as medidas de internamento. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da loucura.

É importante evidenciar que, segundo Fry e MacRae (1985, p. 72), já nesses manicômios, ou campos fechados de loucura, como apontara Foucault (1978), em algumas prisões, os “tratamentos” realizados consistiam na lobotomia e castração, por exemplo. Nesse sentido, os autores complementam que

De fato, parece que na maior parte do tempo aqueles que dizem desejar “curar” os homossexuais estão mais interessados em colocá-los fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que usam para diminuir a sua possibilidade de “prejudicar a sociedade”.

Ou seja, a fala de Fidelix continua a reforçar a associação patológica da homossexualidade, conjuntamente com a defesa de um tratamento em local em que o sujeito homossexual esteja deveras isolado da sociedade, “longe mesmo porque aqui não dá”.

#### 4.3 “PORQUE NÓS SOMOS MAIORIA VAMOS ENFRENTAR ESSA MINORIA”: O DISCURSO DA FRAGMENTAÇÃO SOCIAL

##### 4.3.1 A maioria e os valores familiares

Esta subseção tratará de evidências nos enunciados, como a que temos no título proferida pelo senhor Levy Fidelix, em que os sujeitos sugerem um embate direto entre a maioria da sociedade contra o grupo minoritário LGBT, bem como veremos detalhadamente a seguir.

#### EXCERTO 1 – Magno Malta:

senador Blairo Maggi... vossa excelência que é CATÓLICO... PRATICANTE... QUE SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA E ESSA CASA NÃO FARÁ UM TERCEIRO SEXO com uma lei... PORQUE HÁ DE ESBARRAR NOS HOMENS E MULHERES QUE ACREDITAM EM PRINCÍPIOS... **E UMA MINORIA BARULHENTA JAMAIS SOBREPORÁ A UMA GRANDE MAIORIA que é a FAMÍLIA nesse país...** (grifo nosso).

#### EXCERTO 2 – Magno Malta:

**minha consciência não está a serviço de uma minoria que eu respeito...** agora valores de família eu vim aqui pra isso... é essa a missão que deus me deu... a missão que o Brasil me deu... a missão que o estado me deu... (grifo nosso).

#### EXCERTO 3 – Magno Malta:

[...] nós não podemos é criminalizar um país inteiro... quem não é a favor dessas posições se tornou homofóbico... quem é homofóbico?... **homofóbico é aquele que quer matar... quer destruir... quer enforçar... não suporta... quer ver sangrar...** esse é um homofóbico... esse precisa ser punido... **agora uma nação inteira criminalizada porque quem não concorda com essas opções de uma minoria virou homofóbico...** vossa excelência é homofóbico... fulano é homofóbico... porque não concorda... não pode estar de outro lado... não pode ter posição... e **não pode pertencer a maioria porque esse é comportamento da grande maioria...** então na verdade o que estamos precisando é respeitar as pessoas... sabe? (grifo nosso).

#### EXCERTO 4 – Magno Malta:

[...] se você não aluga sua casa você vai preso, se você demite está preso... se você não admite está preso... ora... onde já se viu isso?... você pode demitir um negro... você pode demitir um índio... você não vai preso... você pode não alugar seu imóvel... que brincadeira é essa?... criaremos então o império homossexual em nome de uma minoria que grita tentando sufocar uma grande maioria... (grifo nosso).

#### EXCERTO 5 – Levy Fidelix

olha minha filha... tenho sessenta e dois anos... pelo que vi na vida... **dois... iguais não fazem filho... e digo mais... digo mais... desculpe mas aparelho excretor não reproduz...** é feio dizer isso mas **não podemos jamais gente...** ..eu sou um pai de família um avô... **deixar que... esses que aí estão... achacando a gente no dia-a-dia... querendo escorar - - essa minoria- -... a maioria do povo brasileiro...** como é que pode um pai de família... um avô... ficar aqui escorado porque tem medo de perder voto... **PREFIRO NÃO TER ESSES VOTOS... MAS SER UM PAI... UM AVÔ... QUE TEM VERGONHA NA CARA... QUE INSTRUA SEU FILHO... QUE INSTRUA SEU NETO... E VOU ACABAR COM ESSA HISTORINHA...** (grifo nosso).

#### EXCERTO 6 – Bolsonaro:

em nome da família... em nome dos bons costumes... em nome do cristianismo... em nome das pessoas de bem... nós não podemos estimular

isso [...] na escola... oh governo federal... será que o ensino está tão bom no país? (grifo nosso).

Então para que a expressão “fragmentação social” seja aqui compreendida, acima consta alguns excertos em que os políticos, em suas enunciações, trazem um binário que caracterize este conflito social entre comunidade LGBT e o resto da população: Minoria, devidamente reconhecida como LGBTs e Maioria, associada ao conceito de família.

A família nos EXCERTOS 1, 2, 5 e 6 figuram como uma instituição numa posição elevada (“[...] UMA GRANDE MAIORIA que é a FAMÍLIA[...]”<sup>40</sup>) e que precisa ser protegida ([...] agora valores de família eu vim aqui pra isso...<sup>41</sup>). As perguntas que surgem são: Elevada em relação ao quê? Protegida de que ou quem?

A resposta, como é possível se constatar a partir dos próprios enunciados é que os políticos em questão quando falam de maioria e família, estão eles supondo uma coisa só e que precisam ser protegidas de uma minoria que está disposta a estimular o “homossexualismo” [sic] e a “promiscuidade”, segundo Bolsonaro, como pudemos ver na subseção anterior. Isto é, pode-se pensar que o risco que as relações homossexuais e a liberdade sexual representam assenta-se no fato de que elas não têm como finalidade a reprodução, que, teoricamente, significa a garantia ao AIE familiar de transmitir sua ideologia através de modelos e normas sociais necessárias para que se garanta a estabilidade hierárquica das relações de poder estabelecidas na sociedade.

#### EXCERTO 7 – Bolsonaro:

B: ((pega um jornal com manchete sobre a aprovação da União Estáveis entre pessoas do mesmo gênero e levanta mostrando-o para a entrevistadora)) um novo tempo de direitos e de respeito... é isso o que gerou a decisão do supremo tribunal federal... o () não bastasse o executivo legislar... via... medida provisória... agora o judiciário também legisla por interpretações... **uma decisão no meu entender VERGONHOSA**... baseada em POLÍTICA... porque em política... ESCUSAS do governo... e pressão de grupos homossexuais... porque pro supremo tribunal federal eu sou analfabeto... nem.... nem (rabo) não sou... **NÃO ESTÁ PREVISTO EM LEI**... vocês têm... vossa excelência tem que julgar... algo que está em lei... está na constituição e está em lei... **e na constituição e no código civil está que um casal... uma família... uma união estável parte de um homem e de uma mulher... e ponto final... não tem que ficar inventando...** (grifo nosso).

<sup>40</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção.

<sup>41</sup> Cf. EXCERTO 2 dessa subseção.

Nesse excerto da enunciação de Bolsonaro, como podemos ver acima, nos fornece mais algumas pistas sobre a configuração de família defendida nos discursos pró-família. Questionado pela apresentadora sobre sua posição referente a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) em reconhecer a União Estável entre pessoas do mesmo sexo, Bolsonaro classifica como uma vergonha, aumentando, inclusive, seu tom de voz para proferir a palavra, demonstrando sua completa insatisfação. O deputado ainda se utilizando de dispositivos legais, que são os textos da Constituição Federal e Código Civil, para legitimar sua concepção de família e posição contrária em relação à união entre pessoas do mesmo gênero, sem considerar que a lei pode ser excludente e que, como foi visto, elas já foram utilizadas para criminalizar e, por conseguinte, estigmatizar ainda mais pessoas LGBT.

Questionado então a respeito da política de Estado para proteção da população LGBT. Bolsonaro responde:

**EXCERTO 8 – Bolsonaro:**

B: não... olha só... eu entendo o seguinte... não interessa a opção sexual... a cor da pessoa... a sua crença... TODOS NÓS SOMOS IGUAIS PERANTE A LEI... se eu apanhar na rua... você ((aponta pra apresentadora))... ou um homossexual... a pena para o agressor tem que ser a mesma... tentativa de homicídio... homicídio... seja lá o que for... tem lei para isso... por que tem que criar uma classe especial agora dentro do Brasil...

Estes dois últimos EXCERTOS 7 e 8 estão intimamente ligados ao que Borrillo (2010) classifica como “Homofobia Liberal”, de modo que para entrar no enquadramento metodológico inclusivo a que este trabalho se propõe seguir, opta-se pelo uso de “LGBTfobia Liberal”, que se caracteriza por uma dupla ideia que organiza o discurso dos liberais acerca das pessoas LGBT:

por um lado, eles consideram a homossexualidade [sic]<sup>42</sup> uma escolha<sup>43</sup>, cuja natureza é semelhante a de uma opinião política, de uma confissão religiosa ou de um compromisso intelectual; por outro, tal opção estaria relacionada exclusivamente à vida íntima do indivíduo. Em função desses pressupostos a homofobia [sic] liberal preconiza a tolerância para com os homossexuais

<sup>42</sup> A utilização do termo entre aspas dá-se apenas porque é exatamente esse que foi utilizado por Borrillo (2010), e de onde extraí a ideia de LGBTfobia Liberal - Homofobia Liberal, em suas palavras -, entretanto a apropriação apenas da ideia requer que pensemos em LGBTs como um todo, não exclusivamente em gays - como parece que, aos quais, o autor se refere exclusivamente - visto que anterior ao parágrafo do qual a ideia é extraída, ele menciona crimes de sodomia e que eram relativos à homens homossexuais.

<sup>43</sup> De modo que a travestilidade e a transexualidade jamais são reconhecidas como identidades legítimas. E são vistas apenas como estágios “avançados” de homossexualidade e que levam esses indivíduos a vestirem roupas do gênero que não aquele que lhes foram designados ao nascimento.

[sic], mas considera que a heterossexualidade<sup>44</sup> é a única a merecer o reconhecimento da sociedade e, por conseguinte, único comportamento sexual<sup>45</sup> suscetível de ser institucionalizado.

Dessa forma o não-dito em relação a esse maniqueísmo de uma família tradicional, como principal representante da maioria, contra uma minoria, representada pela comunidade LGBT, é a exclusão dessa última das relações familiares, ao ser considerada um perigo e um grupo social contrastante aos “valores da família”, de modo que as filiações constituídas pelo grupo de homossexuais não são capazes de gerar filhos biológicos. Identifica-se aqui mais um mecanismo de exclusão social das minorias sexuais e de gênero que deslegitima outras configurações familiares que não aquela que pode gerar um descendente biológico de ambos os sujeitos.

Assim, é possível constatar que o uso da família é uma estratégia ideológica, por alguns motivos que serão postos a seguir:

Em primeiro lugar, essa associação simbólica da família com a maioria se mostra interessante, se pensarmos que LGBTs, ou não, também fazem parte de núcleos familiares tradicionais. Contudo, vemos que aqui é utilizada como método de *Unificação*, segundo a classificação de Thompson (2011, p. 86), na qual, através da *padronização*, o tem-se por objetivo adaptar uma forma simbólica a “um referencial padrão, que é posto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica”. Ou seja, a construção simbólica da família é comum a toda a população, uma vez que cada sujeito provém de uma família e por isso é ela valorizada por diferentes instituições. Constitui-se, inclusive, como uma AIE, através da qual as ideias dominantes são transmitidas e, dessa forma, torna-se um símbolo fácil e acessível para unir uma população em apenas uma classe: a maioria. Desconsiderando, neste processo de *unificação*, que há outras configurações familiares não heterossexuais, tampouco homossexuais. Aquelas, por exemplo, compostas por netos que são criados por avós viúvas ou, ainda, configurações monoparentais<sup>46</sup>, etc.

Outro recurso utilizado ao se utilizar a família para fragmentar a sociedade entre “maioria vs. minoria” é a *diferenciação*. Segundo Thompson (2011, p. 87), é a “ênfase que é dada as distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos,

---

<sup>44</sup> E a cisgeneridade, ainda quem não a reconheçam.

<sup>45</sup> E identidade de gênero.

<sup>46</sup> Filho criado apenas por um sujeito, seja por motivo de viuvez, separação ou até mesmo opção particular.

apoiando características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder”. A diferença referente ao intercursos sexual e capacidade de reprodução dos casais homoparentais em relação aos heteroparentais é explicitada a todo o momento, quando, por exemplo, o senador Magno Malta declara que é contra o kit escola anti-homofobia: “minha consciência não está a serviço de uma minoria que eu respeito... agora valores de família eu vim aqui pra isso...”<sup>47</sup>. Mostra-se um contraste entre a “minorias” e “valores da família”. Ao passo que se diz respeitar, mas que seu objetivo no senado é defender os ditos valores. Isto é, o não-dito no enunciado do senador, que diz respeitar a minoria LGBT, mas sua consciência não está a serviço dela, ou seja, não está ele disposto a defender políticas públicas como o kit, e que seu objetivo é defender “os valores de família”, como se ajudar na aplicação de políticas públicas dessa minoria em questão não fosse compatível com a defesa da família ou de seus valores.

A partir disso, podemos pensar que essa incompatibilidade se dá, justamente, por conta da concepção de família defendida pelo senador, como podemos notar nas pistas levantadas na seguinte enunciação: “[...] SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA E ESSA CASA NÃO FARÁ UM TERCEIRO SEXO com uma lei...”<sup>48</sup>. Assim, a memória discursiva evoca como base de sustentação de sua enunciação é o discurso religioso acerca de família. Em relação ao senhor Fidelix: “**dois... iguais não fazem filho...** e digo mais... digo mais... desculpe mas **aparelho excretor não reproduz...**”<sup>49</sup>. É percebe-se que o discurso biológico sobre família. Quanto à enunciação do deputado Bolsonaro (“uma união estável parte de um homem e de uma mulher... e ponto final... não tem que ficar inventando...”<sup>50</sup>), é recuperada a memória discursiva das leis para justificar sua posição que incompatibiliza a minoria sexual e de gênero, com os valores familiares tradicionais. Assim a diferenciação entre maioria e minoria é constantemente reforçada.

Por fim, há a estratégia ideológica da *Legitimação*, através da *narrativização*, já mencionada na subseção 4.1, acerca da justificativa religiosa para o padrão de família existente, e de *Reificação*, com a *eternalização* que pode ser identificada na

---

<sup>47</sup> Cf. EXCERTO 2 dessa subseção.

<sup>48</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção.

<sup>49</sup> Cf. EXCERTO 5 dessa subseção.

<sup>50</sup> Cf. EXCERTO 7 dessa subseção.

fala do deputado Jair Bolsonaro: “e na constituição e no código civil está que um casal... uma família... uma união estável parte de um homem e de uma mulher... e ponto final... não tem que ficar inventando...”. Isto é, esvazia-se o caráter sócio-histórico dessa concepção de família, a qual é constituída por preceitos religiosos e de construções simbólicas para organização da sociedade pautadas na heteronorma, por sua vez, designa valores e papéis desiguais entre homens e mulheres.

Dessa forma, tais ideologias, como levantam Chauí (2001) e Marx e Engels (2001), são transformadas em leis justamente para esvaziar-se a historicidade de suas construções e universalizar os interesses particulares de uma determinada classe ou grupo social. Podemos assim lembrar do que foi dito na subseção “1.3” que nos alerta para a questão seguinte:

[...] quando o pensamento de uma classe dominante ganha universalidade, de modo a compor um direito, ou uma ideia que é anterior a materialidade histórica, esta ideia representa uma contradição, pois nem todos têm condições materiais de usufruir deste direito ou desta ideia.

Assim se ignora a constituição de outras configurações familiares existentes e desabrigadas pela lei, como garantia da manutenção das relações de poder que colocam pessoas LGBTs na marginalidade jurídica e social. Tenta-se, então, eternizar o conceito tradicional, impedindo sua transformação conforme surjam as demandas desses novos modelos de uniões homoparentais.

Inicialmente, vimos que há uma vinculação entre família e maioria que aparecerá, principalmente na enunciação de Magno Malta, quando diz “E UMA MINORIA BARULHENTA JAMAIS SOBREPORÁ A UMA GRANDE MAIORIA que é a FAMÍLIA nesse país...”<sup>51</sup>

#### EXCERTO 9 – Magno Malta

[...] quando eu digo que negro não pediu pra nascer negro... portador de deficiência não pediu... ninguém pediu pra nascer velho... ninguém pediu pra nascer índio... sabe?... mas o sujeito faz a opção... a sua opção sexual é um problema dele... agora não pode é criar um império homossexual no Brasil onde uma minoria pode tudo e uma maioria não pode nada... ora... que mundo é essa que nós estamos vivendo?... (grifo meu).

<sup>51</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção.



Criando sua própria cadeia de raciocínio, através da estratégia ideológica de *racionalização* descrita por Thompson (2011), o senador Malta parece tentar legitimar sua posição contrária as políticas públicas voltadas para a comunidade LGBT primeiramente tentando comparar “orientação” sexual com categorias étnico-raciais, de deficiência e até mesmo etária, que diferentemente delas, a homossexualidade é uma “opção”<sup>52</sup> consciente do indivíduo. E, ainda, é um “problema” dele. O que nos retoma o conceito de LGBTfobia Liberal, elaborado mais acima, o qual restringe a liberdade sexual do indivíduo à sua vida privada, sem que se tenha reconhecimento institucional do Estado. Tal cadeia de raciocínio é comum no discurso reacionário às causas LGBT, servindo, inclusive, para legitimar a defesa de tratamentos clínicos de reorientação sexual.

Contudo, desse excerto, o que chama atenção é a forma como o deputado se opõe a criação de um suposto “império homossexual”<sup>53</sup>. O que impressiona é a metáfora do império, que pode ser uma alusão aos mitos bíblicos de Sodoma e Gomorra, e com isso despertar a atenção de um interlocutor religioso – como foi discutido na subseção 4.3.1 – visto que o próprio deputado costuma evocar, como, por exemplo, no EXCERTO 1 (“senador Blairo Maggi... vossa excelência que é CATÓLICO... PRATICANTE...”) e no 10, a seguir:

**EXCERTO 10 – Magno Malta:**

[...] eu estou vindo de uma reunião da câmara... agora... senador Igor Cassol... de uma grande reunião de parlamentares... mas muitos parlamentares... ateus... **a bancada católica que me autoriza a falar em nome dela...** deputado Eros Biondini... **a bancada evangélica... espírita...** que não confessa fé nenhuma... **gente que são islâmica... mas que acredita em família... nos princípios nos moldes de Deus...** (grifo meu)

**4.3.2 O expurgo do outro**

Outro aspecto a se destacar no EXCERTO 9 é a dicotomia “minoridade pode tudo” em contraste à “maioria não pode nada”. Essa polarização entre LGBTs e uma maioria

<sup>52</sup> Como já explicado anteriormente, o termo correto é orientação sexual, entretanto, devemos lembrar, também, que nossa sexualidade faz parte de uma construção que recebe influência de diversos fatores: social, biológico, fisiológico, etc, sem que tenhamos escolha ou controle sobre sua formação.

<sup>53</sup> Ver EXCERTOS 9 e 11 dessa subseção.

atrelada aos valores familiares revela a principal estratégia dos enunciados aqui analisados e que podemos classificar como *expurgo do outro*. De acordo com Thompson (2011, p. 87), essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador [...]. Isto é, a ameaça se instaura quando é colocado que uma minoria está cerceando os direitos de uma maioria, podendo a primeira fazer tudo e a segunda, a quem o senador se direciona, ficando restrita. Assim vem o questionamento de indignação: “ora... que mundo é essa que nós estamos vivendo?”.

#### EXCERTO 11 – Magno Malta

**se você não aluga sua casa você vai preso, se você demite está preso... se você não admite está preso...** ora... onde já se viu isso?... você pode demitir um negro... você pode demitir um índio... você não vai preso... você pode não alugar seu imóvel... que brincadeira é essa?... criaremos então o império homossexual em nome de uma minoria que grita tentando sufocar uma grande maioria... (grifo meu)

As primeiras linhas grifadas do excerto acima, referem-se à PLC 122/06, que visava punir ações em decorrência de seu caráter discriminatório relativamente à orientação sexual e identidade de gênero. Esses exemplos grifados demonstram os supostos “direitos” que estariam sendo retirados dessa maioria, caso a PL fosse aprovada. Entretanto, deve-se evidenciar que o senador faz utilização da estratégia ideológica de *racionalização*, visto que ele cria uma cadeia lógica que não condiz com o Projeto de Lei e continua sua fala com exemplos (“você pode demitir um negro... você pode demitir um índio... você não vai preso... você pode não alugar seu imóvel...”) não muito claros sobre os dispositivos legais que já existem para coibir ações discriminatórias contra características étnico-raciais. Isto é, a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 claramente diz: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1989). A PL 122, por sua vez, em sua redação de 2011<sup>54</sup>, diz: “Define os **crimes resultantes de discriminação ou preconceito** de raça, cor, etnia, religião, origem, condição de pessoa idosa ou com deficiência, gênero, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero.” (NR) (BRASIL, 2009, p. 4)

Bolsonaro, também se pronuncia sobre a PL:

---

<sup>54</sup> Texto de 2009, tendo como relatora a Senadora Fátima Cleide, e que vigorava no ano de 2011, quando os políticos Magno Malta e Jair Bolsonaro deram suas declarações aqui analisadas.

### EXCERTO 12 – Bolsonaro:

[...] **cuidado se passar esse projeto** ((deixa de olhar para a entrevistadora e olha diretamente pra câmera))... todo mundo que tem empregada em casa... inclusive empregada doméstica... toma cuidado... por exemplo olha só... nós dois ((aponta pra entrevistadora))... nós dois casados temos um casal de filhos de seis sete anos... estamos num restaurante... num domingo... almoçando... chegam dois... homens... né?... um careca e um bigodudo... e começam a trocar carícias... **se nós mudarmos de mesa para que nosso filhos não vejam aquela cena... nós dois começamos com três anos de cadeia... isso é justo?... e você mandar embora a tua::... a tua::... secretária particular que faz os teus::... a empregada doméstica... o nome que é mais comum aí... se ela por exemplo chegar na delegacia e falar “ela me mandou embora... só por causa da minha opção sexual”... com testemunha é a coisa mais fácil que tem... você dona de casa ((aponta pra entrevistadora<sup>55</sup>)) começa com três anos de cadeia também... independente se você mandou embora por causa da opção sexual ou por ela tá trabalhando mal... então um projeto que cria uma classe à parte... que inclusive acaba dando estabilidade no emprego para homossexuais.**

Dessa forma, vemos que tanto a Lei, quanto o PL que visava alterá-la, tratava-se de tipificar crimes provenientes de preconceito e discriminação, ficando vedado sua utilização em casos de não serem constatados atos discriminatórios. A partir da *racionalização*, o senador Malta parece querer persuadir a opinião de seus interlocutores, de modo a fazê-los posicionarem-se contra a PL 122/06. Assim tenta-se justificar, inclusive, uma união para impedir que uma minoria se sobreponha a maioria (E UMA MINORIA BARULHENTA JAMAIS SOBREPORÁ A UMA GRANDE MAIORIA<sup>56</sup> / uma minoria que grita tentando sufocar uma grande maioria...<sup>57</sup>) e garantir, assim, que leis e políticas públicas de proteção e promoção da justiça e equidade para essa parcela da população não sejam efetivadas por parte do Governo.

Quanto ao comentário do deputado Bolsonaro, é explícita a sustentação de atitudes discriminatórias, quando em seu exemplo, sugere que a demonstração de afeto entre duas pessoas do mesmo gênero seja recebida por ele como proibida para seu filho, em contraste em relação a omissão da mesma demonstração de afeto por um casal heterossexual. Entretanto, neste caso, nada previsto na PL 122 alude sobre tornar crime pessoas mudarem de lugar, desde que não haja ofensas e não se deixe explícita a motivação discriminatória. No segundo caso relatado pelo deputado, apenas se caso ficar comprovada a demissão por motivação LGBTfóbica a lei seria

<sup>55</sup> Atentar-se para o estereótipo de gênero que o deputado levanta, ao associar “dona de casa” com a entrevistadora. Isto é, está se vinculando a função de “dona de casa” à mulher.

<sup>56</sup> Cf. EXCERTO 1 dessa subseção.

<sup>57</sup> Cf. EXCERTO 4 dessa subseção.

aplicada, como se mostra a redação do texto. Deve-se lembrar, também, que hoje há dispositivos legais para coibir qualquer ato de injúria com o Art. 140 do Código Penal Brasileiro<sup>58</sup>, através do qual a demissão motivada por LGBTfobia poderia ser vista como uma ofensa à dignidade.

Por fim, na enunciação do político Fidelix vemos o seguinte:

**EXCERTO 13 – Levy Fidelix**

então gente vamos ter coragem... porque nós somos maioria... vamos enfrentar essa minoria... vamos enfrentar... (grifo nosso).

O uso do modo imperativo do verbo ir nesse excerto é crucial para compreendermos a dimensão ideológica do discurso do senhor Fidelix, visto que literalmente ele está chamando uma maioria, da qual ele, homem, cisgênero e heterossexual, faz parte (“nós somos a maioria”), para enfrentar a minoria LGBT (“vamos enfrentar essa minoria”), incitando, dessa forma, um conflito social a partir da construção e caracterização de um inimigo comum a toda essa maioria, como pôde ser visto ao longo dessa análise, com o objetivo de expurgá-lo.

---

<sup>58</sup> Cf. BRASIL, 1984.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A constituição do discurso político LGBTfóbico analisado neste trabalho é um nítido exemplo de como a ideologia é operada estrategicamente na sociedade.

Deve-se compreender, entretanto, que o discurso LGBTfóbico é polifônico, não um dado homogêneo em sua constituição que, através dos interdiscursos, retomam lugares comuns cristalizados sócio-historicamente e que compõe discursos específicos produzidos em outros contextos e circunstâncias, mas que se fizeram presentes nas enunciações aqui analisadas.

Entre os discursos que se notam a presença, se destacam: o religioso (judaico-cristão) e o médico (biologizante/patologizante) que regulam os corpos, as identidades e sexualidades através de construções simbólicas que limitam as possibilidades do ser em prol da ordem, através de normas e da sustentação intencional das relações de poder.

Percebe-se que há, tanto dos grandes discursos que compõe a LGBTfobia, quanto de suas contemporâneas paráfrases no campo político, uma tentativa agressiva de engessamento das categorias de gênero e sexualidade a um modelo binarista e cis-heterocentrado no qual pretende-se alinhar fatores como genitália, configuração cromossômica, gênero e interesse afetivo e sexual, ignorando-se, por exemplo que tanto as identidades sexuais, quanto as de gênero são construtos sociais e moldam-se consoante a conjugação de fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, étnicos, religiosos, políticos e geográficos.

É dessa forma que a ideologia começa a agir, esvaziando-se a historicidade que contempla essas identidades sexuais e de gênero, ou seja, o fato delas variarem no tempo e no espaço até se constituírem na forma como hoje são vivenciadas e percebidas, para, então, oferecer um modelo estanque pautado na reprodução e na manutenção de princípios e valores, sobre os quais a família, enquanto AIE, é também responsável por transmitir. E é assim que tanto a religião quanto a ciência se ocuparão de construir discursos que legitimem a expansão e exploração de força produtiva através garantia e fortalecimento de núcleo responsável pelo surgimento de novos sujeitos - o que chamamos de família -, e dessa forma garantir que os interesses de uma classe ou de um grupo se universalizem como verdades independentes da atividade humana. Isto é, de que estes modelos de sexualidade e gênero são os únicos “normais” e que devem ser seguidos e quaisquer outros que transgridam essas

normas são automaticamente categorizados como anormais, doentes, pecadores, criminosos, imorais, pervertidos, etc.

Mas como exatamente essa ideologia se configura no contexto discursivo aqui analisado? Foi possível identificar, ao longo de todo o estudo, que sujeitos e objetos foram devidamente posicionados discursivamente, quando, por exemplo, é preciso defender um dado modelo familiar e os seus valores. Isto é, ser digna de defesa sugere que é algo bom e que precisa ser protegido de um outro grupo que, supostamente, a ameaça. Tem-se aqui evidente a posição ameaçadora e de inferioridade em que o grupo LGBT foi colocado pelas enunciações. Sendo assim, LGBTs passam a ser reconhecidos como aqueles que transgridem e destrõem a estrutura familiar. A configuração de relações e identificação deste grupo que desnaturaliza as orientações sexuais, os gêneros e os seus papéis estabelecidos socialmente evidencia, assim, a família tradicional – que se baseia, inclusive, na desigualdade entre homens e mulheres - também como parte deste construto social e não como um dado natural e/ou divino. Assim, a reprodução passa a não se configurar mais como finalidade última e obrigatória das relações afetivas e/ou sexuais, dando abertura e liberdade para o surgimento de outros arranjos familiares para além do tradicional.

Dessa forma, de tudo é feito para legitimar a posição de inferioridade deste grupo, através de uma memória discursiva que recupera o discurso religioso e médico/biologizante como meio de estigmatizá-lo, já que ele desestabiliza a estrutura familiar e as normas de gênero e sexualidade naturalizadas e eternalizadas pela religião e pela ciência como, também, questiona e reconfigura as relações de poder que estas estruturas tradicionais impõem entre grupos majoritários e minoritários, por exemplo.

Não por acaso a categoria da última subseção deste estudo, “o discurso da fragmentação social”, foi pensado para contemplar essa estratégia ideológica máxima desses políticos que era colocar uma suposta maioria, religiosa, contra a minoria representada aqui pela comunidade LGBT, a qual Thompson (2011) chama de *expurgo do outro*, na qual um inimigo foi moldado como querendo supostos privilégios sociais, em detrimento de uma maioria que, aos poucos, passa a perder sua posição legitimada de poder sobre este grupo minoritário, e com a desestabilização da estrutura familiar tradicional, perderia poder, também, a classe dominante que depende da reprodução das forças de produção.

Deste modo, espera-se que as discussões aqui propostas e exploradas possam contribuir e auxiliar no desenvolvimento de análises crítica acerca de discursos, principalmente no atual cenário reacionário em que o Congresso Nacional vive nos últimos tempos, que visem deslegitimar a aplicação de políticas públicas voltadas à comunidade LGBT e a todas aquelas categorias de gênero e sexualidade que esta atual sigla não comporta, ou até mesmo aqueles que não querem ser encaixados em nenhuma denominação, mas que desestabilizam estruturas de dominação através de seu modo de ser e estar no mundo. E deste modo, tornar cada vez mais evidente as bases e estratégias ideológicas do discurso LGBTfóbico para que, então, nos tornemos mais conscientes a respeito das desigualdades que são sustentadas por estes discursos e assim seguirmos em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

ABGLT. **Manual de comunicação LGBT**. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença; Martins Fontes, s/d.

ASSIS, J. A. Enunciação/enunciado. In: **Glossário Ceale**. Universidade Federal de Minas Gerais. s/d. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/ficha-tecnica>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luíz Gonzaga do Prado. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. Disponível em: <<http://www.paulus.com.br/biblia-pastora>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940: redação dada pela Lei nº 7.209, de 11 de julho de 1984. Brasília. 1984 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm)>. Acesso em: 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.716**, de 5 de janeiro de 1989. Brasília. 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm)>. Acesso em: 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Secretaria De Direitos Humanos Da Presidência Da República. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília, 2013.



\_\_\_\_\_. Agência Câmara de Notícias. **Frente Parlamentar**. Brasília. 2007. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/100855.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Comissão De Direitos Humanos e Legislação Participativa. **Parecer sobre o Projeto de Lei da Câmara nº 122 de 2006**. Brasília, DF, 17 nov. 2009. 6f. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/69548.pdf>>. Acesso em 04 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Conheça os deputados: Jair Messias Bolsonaro**. s/d a. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts\\_deputados\\_biografia?pk=74847](http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=74847)> . Acesso em: 10 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional**. Brasília. 2015a. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Câmara dos Deputados. **Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana**. Brasília. 2015b. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53496>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Senado. **Senadores: Magno Malta**. Brasília. 2015c. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/631>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CERVO, L. A.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. Democracia e sociedade autoritária. In: **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 149-161, jul./dez. 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ECOS. **Encontrando Bianca.** Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=4Eb9UCT1138>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

FICHA do candidato: Levy Fidelix. **FOLHA DE SÃO PAULO.** São Paulo, 2014.  
 Disponível em: <  
<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/eleicoes/candidatos/presidente/levy-fidelix-28.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FOUCAULT. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: vontade de saber.** 19. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Edições Graal, 2009.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril cultural; Brasiliense, 1985.

GGB. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013/2014.** Bahia, 2013. Disponível em  
 <<http://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf>>. Acesso em: 19 de ago. 2014.

INCLUSIVE. **Nota oficial sobre o projeto escola sem homofobia.** 2011. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=18368>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

JAIR Bolsonaro: “Sou preconceituoso, com muito orgulho”. Revista Época, 02 set. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI245890-15223,00.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, 2012. Disponível em: < <https://www.sertao.ufg.br/n/42117-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-terminos> >. Acesso em 06 nov. 2012.

JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. Disponível em: <[http://www.abglt.org.br/docs/diversidade\\_sexual\\_na\\_educacao.pdf](http://www.abglt.org.br/docs/diversidade_sexual_na_educacao.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2015

LINS, R. N. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2007.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÖWY, M. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 7 ed. São Paulo, 1991.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 2. ed. Tradução: Luis Claudio Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASCIMENTO, R. Noções conceituais da sexualidade humana, num recorte foucaultiano. In: **Revista Universitas Ciências da Saúde**. v. 3, n. 1, 2005, p. 65-72  
Disponível em:  
<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewFile/546/366>>. Acesso em: 01 out. 2015.

NOVA ESCOLA. **Exclusivo: conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011**. 2015. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conheca-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-2011-834620.shtml>>. Acesso em 11 nov. 2015.

NAPHY, W. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Tradução: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2008.

PEREIRA, C. A. M. O Impacto da AIDS, a Afirmação da “Cultura Gay” e a Emergência do Debate em Torno do “Masculino” – fim da homossexualidade? In: RIOS, L. F. (org.) et. al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004, p. 52-62. Disponível em: <<http://vagnerdealmeida.com/Publications/AnaisHomossexualidade.pdf#page=53>>. Acesso em 25 out. 2015

PEREIRA, D. S. Homofobia pentecostal e seus reflexos entre homossexuais na cidade de Manaus. In: Reunião Equatorial de Antropologia e Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste, 4 e 13, 2014, Fortaleza. **Anais eletrônicos**. Fortaleza: UFC, 2014. Disponível em: <[http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/14\\_trabalho\\_000594\\_1373255980.pdf](http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/14_trabalho_000594_1373255980.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2015.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Pregar**. 2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/pregar>>. Acesso em: 25 out. 2015.

PRETI D. (org). **O discurso oral culto**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações; FFLCH/USP, 1999.

REDE RECORD. "**Aparelho excretor não reproduz**", responde Levy Fidelix em debate. Disponível em: <<http://rederecord.r7.com/video/-aparelho-excretor-nao-reproduz-responde-levy-fidelix-em-debate-5428e9be0cf2672fb4c57070/>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

REIS, T. Homofobia e a escola. In: LUIZ, N. S.; CARVALHO, M. G.; CASAGRANDE, L. S. **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

REPROLATINA. **Relatório técnico final: estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras**. Campinas: 2011. Disponível em: <[http://www.reprolatina.org.br/site/html/atividades/downloads/escola\\_sem\\_homofobia/Relatorio\\_Tecnico\\_Final.pdf](http://www.reprolatina.org.br/site/html/atividades/downloads/escola_sem_homofobia/Relatorio_Tecnico_Final.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2015.

SANTOS, B. S. (org.). **Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTOS, M. F. L. A invenção do dispositivo da transexualidade: produção de “verdades” e experiências trans. In: **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n 28, p. 117-130, Dez, 2011. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2937>>. Acesso em: 04 de out. 2015.

TAROUCO, G. S.; MADEIRA, R. M. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. In: **Revista de Sociologia e Política** v. 21, n. 45, p. 149-165, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n45/a11v21n45.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Tradução: Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 2011.

TV CÂMARA. **Dep. Jair Bolsonaro (PP-RJ) - Cartilha contra homofobia**. Brasília. 2011. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/PALAVRA-ABERTA/197005-DEP.-JAIR-BOLSONARO-\(PP-RJ\)---CARTILHA-CONTRA-HOMOFOBIA.html](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/PALAVRA-ABERTA/197005-DEP.-JAIR-BOLSONARO-(PP-RJ)---CARTILHA-CONTRA-HOMOFOBIA.html)>. Acesso em: 06 nov. 2015.

TV Senado. **"Kit homossexual" está passando dos limites, afirma o sen. Magno Malta, PR/ES**. Brasília. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UNdVVCBEgGU>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

## **GLOSSÁRIO**

## GLOSSÁRIO<sup>59</sup>

**GÊNERO:** Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo. (JESUS, 2012, p. 40)

**SEXO:** Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ao contrário da crença popular, reiterada em diferentes discursos, a categoria sexo não se configura como uma dualidade simples e fixa entre indivíduos deste e daquele sexo (binarismo ou dimorfismo sexual), mas, isso sim, como um contínuo complexo de características sexuais. (*IDEM*)

**EXPRESSÃO DE GÊNERO:** Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive. (*IDEM*)

**IDENTIDADE DE GÊNERO:** Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (*IDEM*)

**PAPEL DE GÊNERO:** Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico. (*IBIDEM*, p. 25)

**CISGÊNERO:** Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (*IDEM*)

---

<sup>59</sup> Os conceitos apresentados neste glossário são citações diretas retiradas das “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos” da doutora em Psicologia Social Jaqueline Gomes de Jesus. Cf. JESUS, 2012.

**TRANSGÊNERO:** Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012, p. 25)

**INTERSEXUAL:** Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas. (*IDEM*)

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:** Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero. (*IBIDEM*, p. 26)

**BISSEXUAL:** Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero. (*IDEM*)

**HETEROSSEXUAL:** Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica. (*IDEM*)

**HOMOSSEXUAL:** Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica. (*IDEM*)

**TRANSEXUAL:** Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. (JESUS, 2012, p. 27)



**TRAVESTI:** Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento. (*IDEM*)

**BINARISMO:** Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo. (*IBIDEM*, p. 28)

**CISSEXISMO:** Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redundando em prejuízos ao direito à auto-expressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais. (*IDEM*)

**ESTERÍÓTIPO:** Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos. (*IDEM*)

**PRECONCEITO:** Juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predispõe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação. (*IDEM*)

**DISCRIMINAÇÃO:** Comportamento de fundo preconceituoso com relação a algo ou alguém. (*IBIDEM*, p. 29)

**TRANSFOBIA:** Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia. (JESUS, 2012, p. 29)

**HOMOFOBIA:** Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual. (*IDEM*)

**HETERONORMATIVIDADE OU HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA:** Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização. (*IDEM*)

**LGBT:** Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais). (*IBIDEM*, p. 30)

**NOME SOCIAL:** Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero. (*IDEM*)

**TRANSFEMINISMO:** Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos. Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que esta para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação à [sic] mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres. (JESUS, 2012, p. 31)

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Entrevista do deputado Jair Bolsonaro ao programa *Palavra Aberta* da TV Câmara**

“O governo federal anunciou para breve o lançamento de um kit educativo, contendo vídeos, boletins e cartilhas destinados a combater a homofobia. O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) viu o material e acusa o governo de incentivar as relações homossexuais. Ele comenta o tema no *Palavra Aberta*.”

E: o governo federal anunciou para breve o kit educativo contendo vídeos boletins e cartilhas destinadas a combater a homofobia... o deputado Jair Bolsonaro do PP do Rio de Janeiro viu o material e acusa o governo de incentivar as relações homossexuais... ele está aqui com a gente para falar sobre o assunto... seja bem-vindo deputado ao *palavra aberta*...

[  
B: muito obrigado

E: o senhor acha mesmo que esse material do MEC incentiva as relações homossexuais?

B: MAIS do que isso... esse material é pra ser distribuído DENTRO das escolas públicas do PRIMEIRO GRAU

E: ensino fundamental

B: primeiro grau

E: primeiro grau tá?

B: isso estão nas nossas taquigráficas... de vinte e três de novembro do ano passado numa sessão conjunta de direitos humanos e comissão de educação.....então é primeiro grau... não se discute isso daí... tá ok?... inclusive o senhor André Lázaro que é o secretário de alfabetização e educação continuada FALA LÁ... EU TENHO AS FITAS... que o ( ) são cento e noventa mil escolas públicas do primeiro grau... cento e noventa mil bate com o número escolas públicas do primeiro grau... se fosse segundo grau/

E: em todos os estados?

B: sim... se fosse segundo grau... ((faz cara de confuso)) prim... segundo grau seriam trinta e quatro mil escolas... então quem tá com a verdade sou eu... eu não tenho medo da verdade tanto é que eu não apoio essa comissão da mentira do governo chamada comissão da verdade... isso é pra outro programa... e esse material... filmetes por exemplo... um dos filmetes... encontrando Bianca... é um menino

chamado Ricardo... que quer ser tratado como Bianca escola... ele exige que se faça uso do banheiro feminino... ele pinta as unhas... quase espanca a professora porque quer ser chamado de Bianca... imagine nas escolas como é que fica passando esse filme... a molecada que chamasse Ricardo ia ser apelidado de Bianca... pega o moleque de doze anos pega o de oito vai pintar as unhas dele... e vai falar que ele é menininha... se fala tanto em *bullying*... e vai estimular o homossexualismo... que os outros... filmetes... como por exemplo o outro chamado

“Probabilidade” é um menino que tá numa cidade... namora uma menina... tá certo?... e quando os pais mudam... de cidade... ele começa a se relacionar com outros... amigos... e num dado momento com um coleguinha há o beijo entre os dois meninos... e ele se sente algo diferente... e daí ele fica na dúvida... namoro o João ou volto pra Mariazinha?... e ele chega a uma conclusão... no final dessa desse... desse... desse trauma que ele vive... fica com os dois... porque assim sendo ele tem cinquenta por cento a mais de chances de ser feliz do que um menino heterossexual... isso vai estimular o que... lá na escola pública do primeiro grau?.../

E: o senho...

B: [ o

homossexualismo

E: o senho...

B: [ e vai escancarar as portas pra pedofilia também

E: [ o senhor... o senhor preparou... deputado Jair Bolsonaro... o senhor preparou um material que é uma espécie de contraponto... a essa campanha... do:: do:: MEC... como é que funciona? ... o que é que tem nesse material?

B: Eu estava debatendo com um::... um dos representantes LGBT numa tv ao vivo do Rio de Janeiro... e ele falou pra mim “deputado você está falando muita besteira”... meus parabéns... eu não estou falando... eu estou lendo muita besteira ((levanta uma espécie de flyer na frente a apresentadora))... o que é esse meu material que seria contraponto é uma cópia do material publicado... né? ((coloca os óculos para poder ler o que está escrito no material))... no ano passado quando o ministro da::... o secretário da educação... seu Paulo Vannuchi chamado plano nacional de promoção da cidadania de direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais... é ISSO que eu fiz... inclusive atrás... botei umas quatro fotografias né?

... que eu chamo de fundamentalistas homossexuais a favor de... estimular o homossexualismo nas escolas...

E: [ na verdade se eu entendi bem sua cartilha é uma transcrição do que tá na::... no programa...

B: [ sim... eu estou distribuindo em escolas públicas do Rio de Janeiro para professores não pra alunos... para pais de alunos... fazer um trabalho pesado na internet também... exatamente que eu quero () graças a Deus... fazer com que esse pessoal fique indignado com o que está acontecendo... que daqui a pouco um pai vai chegar em casa... vai ver o filho com as unhas pintadas... ou com um batom na boca... como se não bastasse mais o brinco né? ... e::... pai... o garoto vai falar pro pai “isso é normal... na escola tão passando um filme nesse sentido”... e se você pegar esse plano da Maria do Rosário... você vai ver inclusive aqui... como eu tenho razão... você vai ler lá ((aponta em direção a câmera se referindo ao público interlocutor)) o seguinte... o item um ponto quatro ponto meia-dúzia... “distribuição... de livros... para bibliotecas escolares... com a temática diversidade sexual... para o público infantojuvenil... olha... eu posso ser analfabeto mas nem tanto... infante é até dez anos de idade... então é para o primeiro grau sim... querem fazer com que os nossos jovens garotos se tornem homossexuais lá na escola lá embaixo... sejam estimulados para tal... e eles fizeram a pesquisa... essa pesquisa que você falou agora a pouco aí... com o cuidado que os pais não tomasse conhecimento das mesmas... porque eles disseram na comissão que os pais são os GRANDES inibidores... da op... da:: da:: da:: da:: da::... opção sexual de seus filhos... eles ficam inibidos... seus inibidores

E: o senhor está falando dessa pesquisa que foi feita em onze estados...

B: [ em onze capitais

E: (...) em onze capitais e que... é::... revelou um quadro de tristeza... depressão nessa comunidade...

[ B: agora quem... quem fez a pesquisa?... conforme está no próprio diário oficial da união... foram grupos lgbt... é a mesma coisa de eu pegar ((expressão de indignação))... alguns traficantes e fazer uma pesquisa dentro dos presídios... como é

que estão sendo tratados... os traficantes presos... vão falar o que?... vai ser um::... vai ser um::... relatório emocional favorável a eles/

E: mas deputado Jair Bolsonaro... essas crianças... tem uns que sofrem *bullying*... que sofrem agressões...

B: [ e vão sofrer mais ainda com essa proposta aqui... todo quanto é moleque que é um pouquinho mais delicado... tá certo?... ou educado... vai sof... que se chame Ricardo...

vai sofrer *bullying*... por parte dos outros alunos... que isso daqui é mais do que um incentivo...

E: Você acha que o material agrava... o problema?

B: [ agrava... não há dúvida que agrava... não encontrei nenhum pai até agora... nenhuma mãe... que se... ou professor que seja favorável a distribuição desse material... muitos professores ligam pra mim e falam o seguinte... se esse material chegar aqui nós vamos juntar os pais... os professores... mostrar e chegar a conclusão... SE DEPENDER DE MIM eu TACO FOGO nesse material... e se tiver que distribuir na marra... o governo vai ter que mandar a polícia militar pra distribuir aqui... que nós não vamos distribuir... é isso o que está acontecendo... em nome da família... em nome dos bons costumes... em nome do cristianismo... em nome das pessoas de bem... nós não podemos estimular isso daquilo na escola... oh governo federal... será que o ensino está tão bom no país?... inclusive uma das pesquisas né?... uma das... dos relatórios dessa pesquisa... eles ficaram indignados... porque os alunos não sabem o que quer dizer a sigla lgbt... lésbicas... gays... bissexuais... travestis... e transexuais... FICARAM INDIGNADOS COM ISSO... E LÁ PREGARAM NA ESCOLA... olha lgbt é isso... isso é importante pro garoto?... agora se perguntar pra muito garoto o que é df... ela não sabe que é Distrito Federal... tá?... mg não sabe que é Minas Gerais... mas agora lgbt ele vai ter que saber... com que intenção?... com que intenção?... estimular a PROMISCUIDADE... é isso?

E: o senhor é contra então a distribuição dessas cartilhas... mas o senhor também é contra a política de estado pra proteção desses cidadãos?

B: não... olha só... eu entendo o seguinte... não interessa a opção sexual... a cor da pessoa... a sua crença... TODOS NÓS SOMOS IGUAIS PERANTE A LEI... se eu apanhar na rua... você ((aponta pra apresentadora))... ou um homossexual... a pena

para o agressor tem que ser a mesma... tentativa de homicídio... homicídio... seja lá o que for... tem lei para isso... por que tem que criar uma classe especial agora dentro do Brasil... até pode ver... o projeto de lei um dois dois que tá aqui no senado agora... que passou numa armação na câmara... numa quinta-feira a noite.../ E: que projeto é esse deputado?

B: o (pl) um dois dois que criminaliza a homofobia... então a câmara... com meia dúzia de deputado presente... a deputada Lara Bernardes... entrou junto com um... com um outro parlamentar... como regime de urgência urgentíssima... quem tava conduzindo os trabalhos aprovou... a urgência... e o projeto e veio pra câmara... um projeto tão polêmico como esse... ve veio aqui pro senado e ninguém ninguém discutiu na câmara... esse projeto por exemplo... entre outras coisas... cuidado se passar esse projeto ((deixa de olhar para a entrevistadora e olha diretamente pra câmera))... todo mundo que tem empregada em casa... inclusive empregada doméstica... toma cuidado... por exemplo olha só... nós dois ((aponta pra entrevistadora))... nós dois casados temos um casal de filhos de seis sete anos... estamos num restaurante... num domingo... almoçando... chegam dois... homens... né?... um careca e um bigodudo... e começam a trocar carícias... se nós mudarmos de mesa para que nosso filhos não vejam aquela cena... nós dois começamos com três anos de cadeia... isso é justo?... e você mandar embora a tua::... a tua::... secretária particular que faz os teus::... a empregada doméstica... o nome que é mais comum aí... se ela por exemplo chegar na delegacia e falar “ela me mandou embora... só por causa da minha opção sexual... com testemunha é a coisa mais fácil que tem... você dona de casa ((aponta pra entrevistadora)) começa com três anos de cadeia também... independente se você mandou embora por causa da opção sexual ou por ela tá trabalhando mal... então um projeto que cria uma classe à parte... que inclusive acaba dando estabilidade no emprego para homossexuais.

E: deputado Jair Bolsonaro... infelizmente nosso tempo é muito curto... vou fazer uma última questão... queria que você falasse sobre as duas decisões do poder judiciário... uma que reconhece as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo... e a outra que dá direito de adoção por casais homossexuais...

B: ((pega um jornal e levanta mostrando-o para a entrevistadora)) um novo tempo de direitos e de respeito... é isso o que gerou a decisão do supremo tribunal federal... o () não bastasse o executivo legislar... via... medida provisória... agora o judiciário também legisla por interpretações... uma decisão no meu entender VERGONHOSA...



baseada em POLÍTICA... porque em política... ESCUSAS do governo... e pressão de grupos homossexuais... porque pro supremo tribunal federal eu sou analfabeto... nem... nem (rabo) não sou... NÃO TÁ PREVISTO EM LEI... vocês têm... vossa excelência tem que julgar... algo que está em lei... está na constituição e está em lei... e na constituição e no código civil tá que um casal... uma família... uma união estável parte de um homem e de uma mulher... e ponto final... não tem que ficar inventando... E: o senhor então acha que isso deveria partir do congresso... se houvesse uma legislação... B: SIM... não é porque existe uma lacuna na lei no tocante a isso... tá certo?... o legis::... o::... judiciário vai legislar... tem tanta coisa como estamos discutindo o código florestal e tá quanto tempo parado aqui?... uma sugestão... o supremo legisla sobre o::... sobre o::... código florestal e tantas outras matérias... esse é o nosso papel... agora lamentavelmente... no parlamento nosso e::... nos estados e municípios... NÓS parlamentares... nós legisladores pecamos muito mais por omissão... do que por ação... e tá essa questão aqui agora... tá *okay*?... o nosso trabalho agora é dentro do senado pra que... pra que salve alguma coisa... tá *okay*?... agora é um crime o que tá acontecendo no nosso país... já não existe... família já foi pro espaço também... não existe mais nada tocante a isso... e um país sem família... é um BANDO... e num bando a gente sabe o que acontece... daqui a pouco nós vamos estar igual a ÁFRICA... totalmente aqui... com problemas... porque educação não existe... você não pode... um país sem educação pensar em ser alguém na vida... tá certo?... porque um país... sem... um país de futuro... e estamos nessa situação...

E: infelizmente nosso tempo acabou...

[  
B: o país... o país... o país do VALE TUDO ((levanta jornal pra mostrar pra câmara, com manchete sobre a decisão do stf))... esse é o país do vale tudo que estamos vivendo aqui...

E: deputado Jair Bolsonaro... muito obrigado pela sua presença e volte outras vezes à tv câmara... B: é só vocês me convidarem que eu volto ((risos))

E: obrigada... e pra vocês que nos assistem... um grande abraço e até a próxima edição do palavra aberta.

**APÊNDICE B - Senador Magno Malta em Sessão no Senado sobre o kit *Escola Sem Homofobia*<sup>60</sup>**

MM: agora eu advirto... o senhor ministro da educação... senador Delcídio Amaral... esses são deuses do olimpo... eles não atendem ninguém... eles não respeitam ninguém... o ministro da educação... com todo o respeito que eu tenho à capacidade desse moço... embora eu não concorde com esse discurso de educação porque educação quem dá é pai e mãe... escola abre janela para o conhecimento... quem educa é pai e mãe... com todo respeito que eu tenho a esse rapaz eu estou começando a perder o respeito por ele... eu estou vindo de uma reunião da câmara... agora... senador Igor Cassol... de uma grande reunião de parlamentares... mas muitos parlamentares... ateus... a bancada católica que me autoriza a falar em nome dela... deputado Eros Biondini... a bancada evangélica... espírita... que não confessa fé nenhuma... gente que são islâmica... mas que acredita em família... nos princípios nos moldes de Deus... o MINISTRO foi LEVADO A SE REUNIR LÁ NA CÂMARA... pra falar desse tal kit que está passando dos limites... O QUE NÓS QUEREMOS discutir com ele à frente da família é esse kit... ESSE KIT não tem nada de orientação nisso... pelo contrário eu estou olhando pro Brasil pra afirmar o seguinte senador Ivo Cassol... ESSE KIT HOMOSSEXUAL NAS ESCOLAS FARÁ DAS ESCOLAS DO BRASIL... VERDADEIRAS ACADÊMIAS DE HOMOSSEXUAIS... nada contra... nada contra... porque Deus deu o livro arbítrio ao homem... quem sou eu?... cada qual segue seu caminho... e nós precisamos respeitá-los... agora NADA MAIS DO QUE AO RESPEITO estão passando do limite... senador Blairo Maggi... vossa excelência que é CATÓLICO... PRÁTICANTE... QUE SABE QUE DEUS CRIOU O MACHO E FÊMEA E ESSA CASA NÃO FARÁ UM TERCEIRO SEXO com uma lei... PORQUE HÁ DE ESBARRAR NOS HOMENS E MULHERES QUE ACREDITAM EM PRINCÍPIOS... E UMA MINORIA BARULHENTA JAMAIS SOBREPORÁ A UMA GRANDE MAIORIA que é a FAMÍLIA nesse país... muito bem... eu tenho pedido ao senhor ministro essa audiência com a frente da família que a vossa excelência faz parte ((aponta para alguém no público, presumo eu que seja ao senador Maggi a quem o senador Malta se dirigiu anteriormente))... que vossa excelência senador Walter Pinheiro faz parte... que o senador Wellington faz parte... Ivo Cassol faz parte... Eduardo Braga faz parte...

---

<sup>60</sup> Cf. TV SENADO, 2011.

QUE TODOS FAZEMOS PARTE... ele não se manifesta... ele foi à câmara e a manifestação dele foi a seguinte... ele disse que não sabia desse kit... ele escamoteou... ele mentiu... senhor ministro Fernando Haddad... o senhor é jovem... o senhor é jovem... olha pra mim... a sua assessoria está me ouvindo?... PARA de mentira... MENTIRA NÃO É COISA DE HOMEM MACHO... PARA DE MENTIRA BICHO... ESCAMOTEOU... FALOU... VIU... NÃO VIU... NÃO SEI... E DEPOIS DESMENTIU NA MÍDIA AQUILO QUE... MINISTRO quem fala pelos cotovelos é obrigado a desmentir com a boca... MINISTRO HADDAD... EU NÃO QUERO LHE PERDER O RESPEITO... MAS O SENHOR NÃO É A SABEDORIA DO MUNDO NÃO... O SENHOR NÃO É A SABEDORIA DO MUNDO... NÃO É O SEU MINISTÉRIO... E COM TODO O RESPEITO QUE EU TENHO A PRESIDENTE DA REPÚBLICA... ATÉ PORQUE CRUZEI O SEGUNDO TURNO COM VOSSA EXCELÊNCIA... DENTRO DE UM JATO VINTE E SEIS DIAS FALANDO CINCO SEIS VEZES POR DIA... DES-SA-TA-NI-ZAN-DO A PRESIDENTE... PARA AJUDÁ-LA A VIRAR PRESIDENTE... ela assinou um documento na minha frente que eu vou ler aqui... na frente de vossa excelência... EU vossa excelência... ..e o senhor Gilberto Carvalho que não dá nem pra chamar como testemunha esse aí... porque... o que falam não escrevem... ELA ASSINOU... A PRESIDENTE DA REPÚBLICA... EU VOU LER ESTE DOCUMENTO AQUI... agora de uma forma sutil... TENTA ENFIAR GOELA ABAIXO DA FAMÍLIA... sabe o que aconteceu semana passada no meu estado Espírito Santo senador Hélio?... DEPOIS DA DECISÃO NEFASTA do supremo... que fez um mal desgraçado a este país... ..aliás eles pensam que estão muito próximos de Deus mas não estão.. UMA... JOVEM DE DEZESSETE ANOS FOI BEIJAR A BOCA DE UMA CRIANÇA DE ONZE... CALÇADA NA DECISÃO DO SUPREMO... JÁ CALÇADA NESSA ABERRAÇÃO... pois bem... a criança não aceitou... sabe qual foi o final dela?... espancada... eu tenho uma criança de nove anos em casa... ah... então quer dizer agora se uma outra menina quiser vir beijar a minha boca eu vou ter que deixar?... AS PERGUNTAS SÃO ESSAS AGORA... O SENHOR JÁ OUVIU O TEOR... A LINGUAGEM DO TAL FILMETE... QUE FOI EXIBIDO LÁ AGORA?... senhor ministro Haddad... PÕE A MÃO NO JUÍZO... PÕE A MÃO NO JUÍZO... ((houve edição do vídeo com um corte)) diz que tem gasto de dinheiro público... mas aqui tem uma convocação da presidente da república... ((olhando para o papel que tem em mãos)) a presidente da república convocando conferência nacional de políticas glbt... lésbicas... bissexuais... travestis e

transexuais... NADA CONTRA... MAS PRA SER PAGO COM DINHEIRO PÚBLICO... NINGUÉM NUNCA CHAMOU UMA ENTIDADE TERAPEUTICA QUE TIRAM DROGADOS E AIDÉTICOS DA RUA... UM APODECIDO DE CRACK... DE MACONHA... QUE TIRA ELE DAS DROGAS... DO ROUBO... DO VÍCIO... QUE O RESGATA... QUE O DEVOLVE A SOCIEDADE... NINGUÉM NUNCA CHAMOU... NÃO TEM ESSA CONFERÊNCIA... NÃO TEM ESSE INVESTIMENTO... muito pelo contrário... eu acompanhei nos últimos oito anos... os dinheiros todos... os orçamentos todos foram gastos em pesquisa pra saber onde cheira mais... onde cheira menos... onde é que estão usando... mas é brincadeira mamãe me acode... onde é que cheira mais no Brasil?... GUARDANDO-SE AS DEVIDAS PROPORÇÕES... O BRASIL CHEIRA IGUAL... O BRASIL FUMA IGUAL... O BRASIL BEBE IGUAL... NÓS ESTAMOS NO PAÍS DE HIPÓCRITAS... DE BÊBADOS... DE FUMANTES... QUE QUEREM COLOCAR O DEDO NA CARA DA POLÍCIA E DA CLASSE POLÍTICA pra resolver um problema que é de família... o que nós precisamos é resgatar valores de família presidente Dilma... é chamar a família pra dentro... nós não precisamos de na... e aqui diz que é pra discutir políticas de discriminação e pobreza... O QUE UM ASSUNTO TEM A VER COM O OUTRO?... ESTÁ AQUI... ESTÁ AQUI A CONVOCAÇÃO DA PRESIDENTE... assinada pela secretaria de direitos humanos... direitos humanos é atender a criança abusada... direitos humanos é fazer um grande trabalho preventivo nesse país PARA EVITAR ABUSO DE CRIANÇA num país que está entre os TRÊS MAIORES ABUSADORES DO PLANETA... DIREITOS HUMANOS É SOCORRER QUEM É ASSALTADO... QUEM TEM UM FILHO ASSASSINADO... QUEM TEM UM FILHO ATROPELADO NA RUA POR UM MOTORISTA BÊBADO... e muitos se recusam até fazer bafômetro e é autoridade... é muita piada pra meu gosto doutor... AUTORIDADE SENADOR que se recusa a fazer bafômetro arrotando grandeza... É MUITA PIADA PRA MEU GOSTO... ((edição com corte)) aliás... por muito menos deus destruiu Sodoma e Gomorra... aliás eu estou convencido senador Pinheiro que se Deus não tomar uma atitude nesse país ele terá que se desculpar com Sodoma e Gomorra... pra onde nós vamos... há que respeitar as pessoas... sim... há que respeitar a decisão delas... claro... livre arbítrio... cada qual segue o seu caminho... há que se respeitar o trabalho delas... sim... dizia aqui o senador... é nosso querido senador lá do Macapá... nosso jovem senador tão passando do limite... tem que respeitar as pessoas mas isso já é passar do limite... querem impor a todo custo... tem senador que nem acredita nisso sabia?... tem

senador que usa isso como instrumento político porque tem um que do processo político cobrou um comportamento hétero do Kassab... acredita tanto nisso porque cobrar um comportamento hétero dizendo que ele não tinha família?... e ele acabou ganhando a eleição... então não acreditam tanto nisso não... eu vou cumprir esse papel com a cartilha que é um pouco pior do que o livro pornô feito pelo senhor Temporão... quando o ministro da saúde fez uma cartilha pornô que de relação sexual anal de criança e cachimbo de crack e destilar cocaína para aplicar na veia... a cartilha dele ensinava tudo... na minha instituição tenho garotos recuperando de crack e aprendendo a fazer o cachimbo na cartilha do Temporão... agora essa cartilha aqui que está na minha mão também está no ministério da saúde senador Blairo Maggi... \-homem de família- pra ser distribuído... nós temos que resistir o governo... nós temos que resistir o senhor Haddad com esse kit... E CHAMÁ-LO À FALA... CHAMÁ-LO À FALA... porque eu sou da base do governo e tenho o maior respeito pela presidente que ajudei a eleger... agora minha consciência não está a serviço dela não... minha consciência não está a serviço do Haddad... minha consciência não está a serviço de uma minoria que eu respeito... agora valores de família eu vim aqui pra isso... é essa a missão que deus me deu... a missão que o Brasil me deu... a missão que o estado me deu... um jovem... senador Pinheiro... ((edição com corte, alguém fala algo que não dá pra entender)) eu agradeço senador Pinheiro o a parte Lúcido incorporo ao meu pronunciamento e quero ir pro encerramento dizendo de fato que nós não podemos é criminalizar um país inteiro... quem não é a favor dessas posições se tornou homofóbico... quem é homofóbico?... homofóbico é aquele que quer matar... quer destruir... quer enforcar... não suporta... quer ver sangrar... esse é um homofóbico... esse precisa ser punido... agora uma nação inteira criminalizada porque quem não concorda com essas opções de uma minoria virou homofóbico... vossa excelência é homofóbico... fulano é homofóbico... porque não concorda... não pode estar de outro lado... não pode ter posição... e não pode pertencer a maioria porque esse é comportamento da grande maioria... então na verdade o que estamos precisando é respeitar as pessoas... sabe?... quando eu digo que negro não pediu pra nascer negro... portador de deficiência não pediu... ninguém pediu pra nascer velho... ninguém pediu pra nascer índio... sabe?... mas o sujeito faz a opção... a sua opção sexual é um problema dele... agora não pode é criar um império homossexual no Brasil onde uma minoria pode tudo e uma maioria não pode nada... ora... que mundo é essa que nós estamos vivendo... então é devido tão somente ao respeito e já é muito... a

todos os cidadãos... ora... como pode?... é por isso que nós precisamos ter essas audiências públicas pro Brasil tomar conhecimento... como pode?... se você ((toca sinal)) L2: Mais um minuto pra vossa excelência.

M: estou encerrando... obrigado... (...) se você não aluga sua casa você vai preso, se você demite está preso... se você não admite está preso... ora... onde já se viu isso?... você pode demitir um negro... você pode demitir um índio... você não vai preso... você pode não alugar seu imóvel... que brincadeira é essa?... criaremos então o império homossexual em nome de uma minoria que grita tentando sufocar uma grande maioria... precisamos é do devido respeito... o respeito sim... o senhor é um constitucionalista ((aponta para o público)) senador Pedro Taques e pertence a essa frente e sabe... que o que nós precisamos dar enquanto constituição é respeito a todos os cidadãos... por isso senhor presidente... eu e o senador Walter Pinheiro *in corpore* agradeço a prorrogação do meu tempo... cumpri o meu papel... muito obrigado pela tolerância.

**APÊNDICE C - Candidato à presidência da república durante debate realizado na Rede Record<sup>61</sup>**

LG: Levy... não vou fazer conversa de comadre contigo... vamos debater uma coisa que talvez tenhamos uma diferença... os homossexuais... travestis... lésbicas... sofrem uma violência constante... o Brasil é campeão de mortes da comunidade lgbt... por que que as pessoas que defendem tanto a família... se recusam a reconhecer como família um casal do mesmo sexo?

LF: jogo pesado aí agora hein... ((plateia ri)) nessa você jamais deveria entrar... economia tudo bem... olha minha filha... tenho sessenta e dois anos... pelo que vi na vida... dois... iguais não fazem filho... e digo mais... digo mais... desculpe mas aparelho excretor não reproduz... é feio dizer isso mas não podemos jamais gente... ..eu sou um pai de família um avô... deixar que... esses que aí estão... achacando a gente no dia-a-dia... querendo escorar essa minoria... a maioria do povo brasileiro... como é que pode um pai de família... um avô... ficar aqui escorado porque tem medo de perder voto... PREFIRO NÃO TER ESSES VOTOS... MAS SER UM PAI... UM AVÔ... QUE TEM VERGONHA NA CARA... QUE INSTRUA SEU FILHO... QUE INSTRUA SEU NETO... E VOU ACABAR COM ESSA HISTORINHA.... eu vi agora o padre... o santo padre o papa... ex-pur-gar... fez muito bem... do Vaticano um pedófilo... está certo... nós tratamos a vida toda com a religiosidade... pra que os nossos filhos possam encontrar realmente um bom caminho familiar... então Luciana... lamento muito... que façam um bom aproveitamento que querem fazer de continuar como estão... mas eu como presidente da república não vou estimular... se está na lei... que fique como está... mas estimular jamais... a união... homo... afetiva...

LG: infelizmente não está na lei... eh::... Fidelix... e o casamento civil igualitário é fundamental pra que nós possamos reconhecer juridicamente como família... qualquer tipo de família... eu acredito que sou uma das que mais defende a família nessa campanha eleitoral... porque eu estou defendendo todos os tipos de família... não importa se forem dois homens... duas mulheres... o que importa é que as duas pessoas se amem... e para combater a discriminação... a homofobia... a transfobia... é fundamental reconhecer o casamento civil igualitário...

---

<sup>61</sup> Cf. REDE RECORD, 2014.

LV: Luciana... você já imaginou... o Brasil tem duzentos milhões de habitantes... se começarmos a estimular isso daí já já vai reduzir pra cem... ((plateia ri ao fundo) vai pra Paulista anda lá e vê... é feio o negócio... né?... então gente vamos ter coragem... porque nós somos maioria... vamos enfrentar essa minoria... vamos enfrentar... eu não tenho medo de dizer que sou o pai ((faz sinal de firmeza com a mão))... mamãe... vovô... e o mais importante... é que esses que tem esses problemas realmente sejam atendidos no plano psicológico e afetivo... mas bem:: longe da gente... bem:: longe mesmo que aqui não dá...



## **ANEXOS**

### ANEXO A – Modos de Operação da Ideologia

<b>LEGITIMAÇÃO</b>	Racionalização Universalização Narrativização
<b>DISSIMULAÇÃO</b>	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
<b>UNIFICAÇÃO</b>	Padronização Simbolização da unidade
<b>FRAGMENTAÇÃO</b>	Diferenciação Expurgo do outro Estigmatização
<b>REIFICAÇÃO</b>	Naturalização Eternalização Passificação

Tabela I – Modos de Operação da Ideologia (THOMPSON, 2011, p. 15)

### ANEXO B – Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmento	( )	Do níveis de renda ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	“O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?)</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)</li> <li>6. Não se anota o cadenciamento da frase.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		

Tabela II – Normas para transcrição de entrevistas gravadas (PRETI, 2009, p. 224)

**ANEXO C – Passagens bíblicas<sup>62</sup>**

“Não se deite com um homem, como se fosse com mulher: é uma abominação.”.

(Levítico 18, 22)

“O homem que se deita com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos.”.

(Levítico 20, 13)

“Eles ainda não haviam deitado, quando os homens da cidade rodearam a casa. Eram os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, o povo todo, sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: «Onde estão os homens que vieram para a sua casa esta noite? Traga-os para que tenhamos relações com eles».

Ló saiu à porta e, fechando-a atrás de si, disse-lhes: «Meus irmãos, eu lhes peço: não façam o mal. Vejam! Eu tenho duas filhas que ainda são virgens; eu as trarei para vocês: façam com elas o que acharem melhor. Mas não façam nada a esses homens, porque eles estão hospedados em minha casa». Mas eles responderam: «Saia daí! Esse indivíduo veio como imigrante e agora quer ser juiz! Pois bem! Nós faremos mais mal a você do que a eles». E empurraram Ló, tentando arrombar a porta. Os visitantes, porém, estenderam os braços e puxaram Ló para dentro, fechando a porta. Quanto aos homens que estavam à porta, eles os feriram com cegueira, do menor ao maior, de modo que não conseguiam achar a entrada.”.

(Gênesis 19:4-11, grifos do autor)

“Então Javé fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra; destruiu essas cidades e toda a planície, com os habitantes das cidades e a vegetação do solo.”.

(Gênesis 19:24,25)

---

<sup>62</sup> Cf. BÍBLIA, 2012.

“Estavam se reconfortando, quando apareceram uns desocupados da cidade que rodearam a casa e, batendo na porta, diziam para o velho, dono da casa: «Mande sair o homem que entrou na sua casa. Queremos aproveitar dele».”.

(Juízes 19:22-24, grifo do autor)

“Por isso, Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam de paixão uns com os outros, cometendo atos torpes entre si, recebendo dessa maneira em si próprios a paga pela sua aberração.”.

(Romanos 1:26,27)

“Vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se iludam! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus.”.

(Coríntios 1, 9-10)

“Sabemos que a Lei é boa, contanto que a tomemos como uma lei. Ela não é destinada ao justo, mas aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, para os que juram falso, e para tudo o que se oponha à sã doutrina, de acordo com o Evangelho glorioso do Deus bendito, que me foi confiado.”.

(Primeira Carta a Timóteo 1, 8-11)